

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

JOICYANE CAROLAINÉ DAS MERCÊS SANTOS

**A ANTROPOLOGIA DA ENUNCIÇÃO APLICADA NA COMPREENSÃO DAS
EXPERIÊNCIAS E DA SINGULARIDADE NA COMUNICAÇÃO DOS SUJEITOS
AUTISTAS NÃO VERBAIS**

**VIAMÃO-RS
2024**

JOICYANE CAROLAINÉ DAS MERCÊS SANTOS

**A ANTROPOLOGIA DA ENUNCIÇÃO APLICADA NA COMPREENSÃO DAS
EXPERIÊNCIAS E DA SINGULARIDADE NA COMUNICAÇÃO DOS SUJEITOS
AUTISTAS NÃO VERBAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Letras português – francês pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Valdir do Nascimento Flores

Viamão-RS

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu criador e redentor, por guiar meus passos. Sua graça e misericórdia foram a luz que iluminou os caminhos que trilhei.

Agradeço à minha mãe e amiga, Ziane Mercês, uma mulher de garra, sonhos, força e esperança. Em cada passo da minha jornada acadêmica, ela foi uma fonte inesgotável de apoio e inspiração. Sua incansável determinação em nunca desistir, mesmo nos momentos mais desafiadores, moldou a pessoa que sou hoje. Estamos em um novo ciclo na nossa família, um ciclo que nos tira da escuridão da desinformação e nos apresenta um mundo de luz, longe da miséria física e intelectual. Tudo que vivemos ao longo da vida só foi suportável porque você sempre esteve presente, transformando nossa realidade em um caminho para alcançar vitória.

Expresso minha profunda gratidão ao meu marido, Deidson Santos. Ao longo dos anos que compartilhamos, nunca duvidamos do nosso propósito na sociedade e na vida de nossas famílias. Seu constante apoio foi o alicerce que me manteve firme nos momentos em que tudo parecia desmoronar. Nossa jornada conjunta na vida acadêmica foi marcada pela determinação mútua, tornando-nos o equilíbrio necessário um do outro. Não apenas compartilhamos sonhos, mas também enfrentamos desafios de mãos dadas, recusando-nos a desistir de qualquer etapa até alcançarmos nossos objetivos em conjunto.

Agradeço ao meu filho, Diego Pierre Santos, sua chegada à minha vida me trouxe uma avalanche de surpresas, tornando-se minha principal fonte de inspiração para o tema escolhido neste trabalho. Você é minha constante fonte de luz e alegria. Espero que, quando chegar a sua vez de enfrentar o mundo, ele esteja mais consciente e aberto à interação com pessoas brilhantes e singulares como você.

Agradeço de coração à minha amada avó, Francisca Belo, pelo suporte que ela deu a minha mãe na minha criação, isso foi inestimável. Seu amor, sabedoria e apoio moldaram os alicerces da minha jornada, e sou profundamente grata por sua presença constante em minha vida.

Agradeço ao meu tio Jeferson Belo e sua esposa Jeane, cujo carinho e cuidado foram fundamentais durante minha infância. Sua dedicação em me acolher em seu lar e em suas vidas me proporcionou aprendizados que carrego comigo eternamente.

Em memória ao meu pai, Pedro Belo, agradeço por ter dado o seu melhor para me fazer feliz enquanto esteve entre nós, me ensinando a não aceitar nada que me fizesse desviar do propósito de ser uma mulher forte, corajosa, sábia, determinada e muito amada. Você dizia que eu era a sua joia, eu acreditei, por isso busquei um lugar adequado para brilhar. Espero que esteja feliz com o valor que tenho dado aos seus esforços.

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos ao meu orientador, Valdir Flores. A experiência e sabedoria compartilhadas por ele não apenas enriqueceram meu conhecimento, mas também moldaram a abordagem que adotei neste trabalho. Mesmo sendo um homem com grandes responsabilidades na comunidade acadêmica, ele dedicou tempo valioso para me guiar ao longo deste caminho. Sou grata pela paciência, comprometimento e pela inspiração constante que me proporcionou.

Por fim, agradeço à comunidade acadêmica da UFRGS. A interação com colegas, professores e demais membros desta instituição enriqueceu minha experiência acadêmica e proporcionou um ambiente propício ao aprendizado e crescimento. Um agradecimento especial à PRAE (Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis), cujo suporte financeiro desempenhou um papel crucial na minha jornada. Diante da minha realidade financeira, os auxílios fornecidos foram essenciais, permitindo-me manter o foco nos estudos sem desamparar meu filho. Agradeço por tornar possível a realização deste sonho.

RESUMO

No mundo científico, com base na literatura, entender as experiências e a singularidade de pessoas autistas não verbais são consideradas uma forma de se aproximar da realidade desses indivíduos e de proporcionar caminhos que os incluam na sociedade com eficiência. O estudo objetivou, sob a luz de dados científicos, investigar os princípios fundamentais da teoria da enunciação e da antropologia, destacando como essa abordagem pode ser aplicada para compreender as experiências dos sujeitos autistas não verbais. Metodologia: Para isso, pretende-se utilizar uma abordagem qualitativa, baseada em observações da literatura e de produções oriundas da internet, como análise de vídeo produzido em rede social e análise do que se diz sobre os sujeitos autistas não verbais. Serão selecionadas páginas de familiares que relatam a vida dos indivíduos do espectro autista, com foco nos que ainda não enunciam, de forma a averiguar o discurso em volta deles. Resultados: Para entender a enunciação e a intersubjetividade na linguagem e na vida de pessoas autistas não verbais, é importante considerar como esses conceitos se aplicam a essa população. Pessoas autistas não verbais enfrentam desafios significativos na expressão verbal. A enunciação, que envolve a produção de enunciados linguísticos, pode ser limitada ou ausente nesse contexto, levando a formas alternativas de comunicação. Conclusão: Em síntese, a aplicação das teorias de Benveniste e Flores na compreensão da enunciação e da intersubjetividade na vida de pessoas autistas não verbais destaca a necessidade de uma abordagem sensível e individualizada. Reconhecer a diversidade de modos de expressão e compreensão, valorizando a subjetividade do sujeito autista não verbal, é essencial para promover uma comunicação verdadeiramente inclusiva e enriquecedora. Nesse contexto, a intersubjetividade, que se refere à capacidade de compartilhar significados e experiências com outros, assumiu uma importância crucial.

Palavras-Chave: Autismo não verbal. Teoria da Enunciação. Antropologia da Enunciação. Intersubjetividade.

ABSTRACT

In the scientific world, based on literature, understanding the experiences and uniqueness of non-verbal autistic people is considered a way of getting closer to the reality of these individuals and providing paths that efficiently include them in society. The study aimed, in the light of scientific data, to investigate the fundamental principles of the theory of enunciation in anthropology, highlighting how this approach can be applied to understand the experiences of non-verbal autistic subjects. Methodology: To achieve this, we intend to use a qualitative approach, based on observations from literature and productions from the internet, such as analysis of video produced on social networks and analysis of what is said about non-verbal autistic subjects. Pages of family members who report the lives of individuals on the autistic spectrum will be selected, focusing on those who cannot yet speak, in order to investigate the discourse around them. Results: To understand enunciation and intersubjectivity in the language and lives of non-verbal autistic people, it is important to consider how these concepts apply to this population. Nonverbal autistic people face significant challenges in verbal expression. Enunciation, which involves the production of linguistic utterances, may be limited, or absent in this context, leading to alternative forms of communication. Conclusion: In summary, the application of Benveniste and Flores' theories in understanding enunciation and intersubjectivity in the lives of non-verbal autistic people highlights the need for a sensitive and individualized approach. Recognizing the diversity of modes of expression and understanding, valuing the subjectivity of the non-verbal autistic subject, is essential to promote truly inclusive and enriching communication. In this context, intersubjectivity, which refers to the ability to share meanings and experiences with others, has assumed crucial importance.

Key words: Non-verbal autism. Enunciation Theory. Anthropology of Enunciation. Intersubjectivity.

RÉSUMÉ

Dans le monde scientifique, en se basant sur la littérature, comprendre les expériences et la singularité des personnes autistes non verbales est considéré comme une manière de se rapprocher de la réalité de ces individus et de fournir des voies pour les inclure efficacement dans la société. L'étude visait, à la lumière des données scientifiques, à enquêter sur les principes fondamentaux de la théorie de l'énonciation en anthropologie, mettant en évidence comment cette approche peut être appliquée pour comprendre les expériences des sujets autistes non verbaux. Méthodologie : Pour ce faire, une approche qualitative basée sur des observations de la littérature et des productions provenant d'internet sera utilisée, notamment l'analyse de vidéos produites sur les réseaux sociaux et l'analyse de ce qui est dit sur les sujets autistes non verbaux. Des pages de familles relatant la vie des individus du spectre autistique seront sélectionnées, en mettant l'accent sur ceux qui n'énoncent pas encore, afin d'examiner le discours qui les entoure. Résultats : Pour comprendre l'énonciation et l'intersubjectivité dans le langage et la vie des personnes autistes non verbales, il est important de considérer comment ces concepts s'appliquent à cette population. Les personnes autistes non verbales rencontrent des défis significatifs dans l'expression verbale. L'énonciation, qui implique la production d'énoncés linguistiques, peut être limitée ou absente dans ce contexte, conduisant à des formes alternatives de communication. Conclusion : En résumé, l'application des théories de Benveniste et Flores à la compréhension de l'énonciation et de l'intersubjectivité dans la vie des personnes autistes non verbales souligne la nécessité d'une approche sensible et individualisée. Reconnaître la diversité des modes d'expression et de compréhension, en valorisant la subjectivité du sujet autiste non verbal, est essentiel pour promouvoir une communication véritablement inclusive et enrichissante. Dans ce contexte, l'intersubjectivité, qui se réfère à la capacité de partager des significations et des expériences avec d'autres, a pris une importance cruciale.

Mots-clés: Autisme non verbal. Théorie de L'énonciation. Anthropologie de L'énonciation. Intersubjectivité.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
	2.1 O campo da enunciação: o aparelho em discussão	13
	2.2 A Antropologia da Enunciação	17
	2.3 O dizer do ‘outro’ sobre o sujeito autista	20
	2.4 Considerações parciais.....	23
3	METODOLOGIA	26
	3.1 Seleção e apresentação dos dados.....	27
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	29
5	CONCLUSÃO	42
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1 INTRODUÇÃO

No mundo científico, com base na literatura, entender as experiências e a singularidade de pessoas autistas não verbais é considerado uma forma de se aproximar da realidade desses indivíduos e de proporcionar caminhos que os incluam na sociedade com eficiência. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é “um distúrbio caracterizado pela alteração das funções do neurodesenvolvimento, que podem englobar alterações qualitativas e quantitativas da comunicação, seja na linguagem verbal ou não verbal, na interação social e do comportamento [...]” (BRASIL, 2022). Esse transtorno afeta uma parcela significativa da população global, conforme informado pela Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e Pessoas com Altas Habilidades no RS – FADERS “De acordo com a Lei nº 12.764/2012 toda Pessoa com TEA é considerada pessoa com deficiência e uma parcela significativa da população de pessoas com deficiência possui TEA” (FADERS, 2023, p. 4) e, desse espectro, existem indivíduos que enfrentam desafios específicos na comunicação verbal, conforme exposto pela Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério de Saúde (2023).

Em outra descrição abrangente, Amato Cah (2010, p. 374) referenciou que “o espectro autista engloba uma ampla variedade de distúrbios dos neurodesenvolvimentos, cujos principais aspectos envolvem dificuldades na interação social, dificuldades na comunicação verbal e não verbal, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento”. Dentro da diversidade de distúrbios, é possível identificar indivíduos autistas que não se expressam verbalmente, sendo categorizados como autistas não verbais devido a essa limitação na comunicação linguística.

A questão da comunicação e da construção da identidade em pessoas autistas não verbais é complexa e multifacetada. As formas como esses indivíduos se expressam e se relacionam com o mundo ao seu redor pode ser influenciada por diversos fatores, incluindo características pessoais, contextos sociais e culturais, bem como intervenções terapêuticas (Mousinho, 2008).

Para tanto, buscou-se uma teoria capaz de abranger a linguagem e seus efeitos no ser humano, ou melhor, uma abordagem com base no que o homem é capaz de fazer dentro de uma realidade linguística, portanto, utilizaremos a Antropologia da Enunciação (cf. FLORES, 2019), pois ela busca caminhos para abordar, não o homem na língua, mas sim, a língua no homem, fazendo uma inversão de conceitos utilizados na linguística enunciativa de Benveniste para dar base a teoria em questão. Ora, é crucial ressaltar que a Antropologia da Enunciação vai além de uma mera análise linguística e se estende a uma exploração interdisciplinar, permitindo a conexão com os campos da psicologia, da neurociência, da educação, entre outros. Dessa forma,

há a possibilidade de analisar a língua em uso com base na situação que ela se apresenta. Essa área de estudo oferece uma estrutura conceitual que nos ajuda a entender como a linguagem e a comunicação se entrelaçam com a identidade e a subjetividade desses indivíduos, de forma a ressaltar a importância do “outro” na vida dos sujeitos autistas, enfatizando a necessidade de considerar contextos sociais na análise da comunicação.

A Antropologia da Enunciação está presente, principalmente, na obra *Problemas Gerais de Linguística* (FLORES, 2019). O autor oferece uma perspectiva única sobre a interação do ser humano com a linguagem, especialmente quando trata do conceito do *Homo loquens*. Essa perspectiva permite contemplar não apenas a língua em si, mas também a sua utilização efetiva pelos seres humanos por meio de seus discursos e das interações uns com os outros. A partir desse ponto, surge a oportunidade de examinar não apenas o indivíduo verbal, mas também o não verbal, pois toda forma de comunicação humana pode ser objeto de estudo da Antropologia da Enunciação. Além do mais, essa teoria permite que a interação intersubjetiva entre dois ou mais indivíduos sirva como meio para identificar a maneira pela qual a subjetividade se manifesta no contexto de comunicação entre eles. Flores (2019, p. s92) afirma que “o falante, ao comentar a língua – e, muito especialmente, a materialidade significativa dela –, constrói um saber sobre essa língua, um saber que simultaneamente coloca língua e falante – o intérprete – em destaque”. É esse “comentar” da língua pelo “outro” que possibilita esta investigação a fim de encontrar um indicador de subjetividade para os sujeitos autistas não verbais.

Ver-se-á como a voz pode ser uma participante ativa nesse processo de apropriação da língua. A voz faz parte da realidade de sujeitos autistas não verbais quando estes estão sendo narrados por indivíduos falantes, de forma que, mesmo sem enunciar efetivamente algo, a pessoa considerada não verbal está sendo representada pela voz do “outro”. Ela é uma parte integral na vida dos sujeitos autistas não verbais, não por ser a ferramenta principal de comunicação deles, mas por ser através da voz dos indivíduos verbais que o autista se ver representado como sujeito, possibilitando, ainda que de forma pouco convencional, a interlocução entre eles. A voz não só serve como uma ferramenta de expressão das necessidades e emoções dos autistas, mas também funciona como uma ponte crucial para a comunicação e o entendimento mútuo. Conforme Flores (2019), a voz emerge como um elemento central na dinâmica da Antropologia da Enunciação, destacando a complexidade das experiências de comunicação e a necessidade de explorar as diferenças culturais e sociais que moldam essas interações.

A capacidade de linguagem é uma característica única dos seres humanos, permitindo-nos comunicar de maneira complexa e expressiva por meio da fala, da escrita e de outras formas

de comunicação simbólica. Essa capacidade inclui a habilidade de compreender a linguagem, produzir sons e símbolos linguisticamente significativos e usar a linguagem para expressar pensamentos, emoções e ideias. Logo, pensando em subjetividade na linguagem de sujeitos autistas não verbais, precisa-se entender que aquilo que os seres falantes falam merece a denominação de língua, mas o fato de não utilizar a língua não tira do indivíduo a posição de ser falante, ou melhor, de *Homo loquens*. Eis aqui o cerne desta discussão.

Flores aborda uma proposta interessante sobre a Antropologia da Enunciação. O autor visa interpretar a configuração do *Homo loquens*, dizendo que “o *Homo loquens* é constituído na linguagem, e sua natureza é feita de linguagem. Ele é sujeito por ser falante, um sujeito falante. Assim, antes de ser uma categoria da antropologia da enunciação, ele é a sua condição” (FLORES, 2019, p. 269). Através dessa observação, verificou-se que o autor acredita que a enunciação do homem falante mostra a natureza e os efeitos da presença da língua nele. A voz, como mencionado anteriormente, é vista como índice de subjetividade; “ela é, à moda dos indicadores primordiais da enunciação, única, relacional e transcendente” (FLORES, 2019, p. 269).

Adicionalmente, a teoria de Benveniste, que se concentra na linguagem como um ato de enunciação, nos ajuda a entender como a linguagem desempenha um papel importante na expressão e construção da subjetividade e como sua “ausência” pode afetar sujeitos autistas não verbais. Benveniste (1989) explica que a enunciação é a apropriação da língua, que ocorre por meio de uma troca interlocutiva na qual os indivíduos se posicionam como sujeitos ao assumir o “eu” na fala. Flores (2019) aborda essa perspectiva ao discutir a voz no contexto do *Homo loquens* e, ao fazê-lo, conecta essa ideia à relação interlocutiva mencionada por Benveniste, que se resume na expressão “homem falando com outro homem”. Entretanto, não se pode negar que há também a interlocução envolvendo um sujeito verbal com um sujeito não verbal, o que tornaria a comunicação entre eles peculiar e interessante para diversos linguistas. De acordo com Flores (p. 270), “É nesse sentido que se poderia defender que o falante, ao falar da língua, muito especialmente, da materialidade da língua, é um etnógrafo da própria língua. Essa etnografia se apresenta na interpretação que faz da língua, através dos comentários que a tomam, no caso da voz, via significante”.

Nesse sentido, seria possível mencionar que as práticas comunicativas entre sujeitos verbais e autistas não verbais revelam traços culturais, sociais e históricos e como essa comunicação que narra o sujeito autista pode ser vista como um indicador da presença de subjetividade na linguagem?

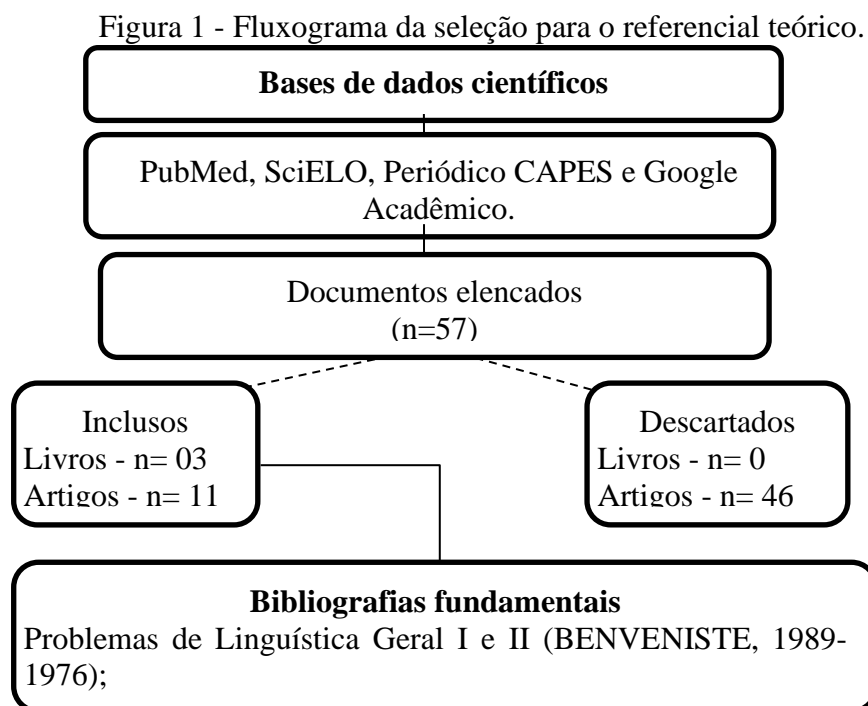
Com essa perspectiva pode-se explorar a construção da subjetividade através daquilo que é comunicado por um terceiro sobre os sujeitos autistas não verbais, aplicando a percepção teórica da Antropologia da Enunciação e integrando as perspectivas teóricas de Benveniste (1989). Com o propósito de ampliar nossa compreensão a respeito desses indivíduos, nesse estudo é feita uma reflexão sobre as singularidades das pessoas autista não verbais, buscando atribuir uma maior inclusão, respeitando suas experiências únicas para a nossa sociedade. Nessa concepção, a teoria da enunciação na antropologia pode ser destacada como uma abordagem a ser aplicada para compreender das experiências desses sujeitos.

Portanto, o estudo objetivou, sob a luz de dados científicos, investigar os princípios da Antropologia da Enunciação aplicada na compreensão das experiências e da singularidade na comunicação dos sujeitos autistas não verbais. Para isso, pretende-se utilizar uma abordagem qualitativa, baseada em observações da literatura e de produções oriundas da internet, como análise de vídeo produzido em rede social e análise do que se diz sobre os sujeitos autistas não verbais. Serão selecionadas páginas de familiares que relatam a vida dos indivíduos do espectro autista, com foco nos que ainda não enunciam, de forma a averiguar o discurso em volta deles.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, serão apresentadas as bases teóricas que embasaram a presente pesquisa. As teorias relevantes serão abordadas em subseções, destacando-se os princípios fundamentais e os recortes específicos de cada abordagem. Ao longo deste tópico, serão exploradas teorias significativas, como a de Émile Benveniste, que discute a teoria da enunciação, e a de Flores, que aborda a antropologia da enunciação. Além disso, realizar-se-á uma sucinta exposição do conteúdo presente na literatura acerca da linguagem no contexto do sujeito autista, destacando o papel subjetivo que a linguagem desempenha não apenas para o autista, mas também para aqueles que o cercam.

A busca bibliográfica, conduzida por meio das principais plataformas científicas - PubMed, SciELO, Periódico CAPES e Google Acadêmico - selecionou obras relevantes publicadas em língua nacional nos últimos 23 anos. Além disso, os critérios de inclusão exigiram que os artigos selecionados não apenas abordassem o sujeito autista e sua subjetividade na linguagem, mas também apresentassem a teoria da enunciação ou a antropologia da enunciação como fundamentos principais. Essa abordagem metodológica busca assegurar uma base teórica sólida e coerente para a análise dos dados coletados ao longo da pesquisa. Segue figura 1 com resumo desse passo a passo.



Fonte: Google Acadêmico, Periódico Capes. SciELO e PubMed.

2.1 O campo da enunciação: o aparelho em discussão

Compreender o *aparelho formal da enunciação*, conforme delineado por Émile Benveniste em sua teoria enunciativa, é adentrar em um domínio profundo e intrincado da linguística. No capítulo “O Aparelho Formal da Enunciação”, presente na obra “Problemas de Linguística Geral” (BENVENISTE, 1989), Benveniste explana sua teoria, que revolucionaram a compreensão da linguagem ao redor do mundo.

Para entender melhor a teoria da enunciação de Benveniste, é necessário situar-se no contexto teórico do autor. Sua abordagem enunciativa difere substancialmente das perspectivas anteriores, que tratavam a linguagem como um sistema abstrato e independente do uso humano. Benveniste destaca que a linguagem não pode ser separada de sua função comunicativa e enfatiza a importância de considerar a enunciação como o ato concreto de falar. Segundo o autor, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Vemos, assim, o conceito-chave de “enunciação”, que abrange o uso da língua em situações reais de comunicação, em vez de estudar a linguagem como um sistema isolado de signos, Benveniste direciona nossa atenção para o uso efetivo da linguagem pelos sujeitos, em contextos específicos.

Segundo o autor, há na língua um sistema de signos capaz de representar o “emprego das formas”, ou seja, um conjunto de regras que estabelece condições sintáticas na descrição do mundo. No entanto, ele diferencia as condições de emprego da língua das condições de emprego das formas, enfatizando a necessidade de compreender o uso da língua, que ele denomina de enunciação. Fiorin (2017), ao abordar a diferença do emprego das formas e o emprego da língua, retoma o que Benveniste disse sobre a distinção da língua e do seu exercício, de forma que “cada uma dessas instâncias tem diferentes estatutos de realidade: o exercício da linguagem não é simplesmente uma virtualidade, como é a língua” (p. 971), isso pode ser visto no individual de utilização da língua.

Benveniste é considerado na literatura o propulsor da teoria enunciativa linguística, pois ele trouxe esclarecimentos necessários que permitiu aos linguistas analisarem a linguagem de forma intersubjetiva. Muitos pesquisadores utilizam as obras de Benveniste para reforçar seus argumentos em relação ao comportamento linguístico do ser humano. Ver-se-á que Flores é um desses pesquisadores. O autor apresenta uma esclarecedora análise do emprego do termo “enunciação” sob a perspectiva benvenistiana. Este discernimento implica que uma das definições se relaciona ao locutor, enquanto a outra se refere aos interlocutores. O autor também enfatiza que Benveniste nos fornece uma visão antropológica da linguagem a partir de suas

considerações sobre “o homem na língua”. De acordo com Flores em *Manual de Linguística* (2019, p. 150), “para Benveniste, há inúmeras possibilidades de “presença” do *homem na língua*, e essas “presenças”, juntas, configuram uma antropologia da linguagem”.

Dentro desse campo da enunciação há um ponto importante que diz respeito à mobilização da língua, ferramenta essencial para compreender como a linguagem opera na prática que, conforme Benveniste (1989, p. 82), é evidente que “a relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação”. Flores (2019, p. 153) acrescenta que “a enunciação é o ato de produzir um enunciado. O autor coloca em destaque a mobilização que o locutor faz da língua. Essa mobilização determina as marcas linguísticas da enunciação”. Dessa forma, o sujeito tem a língua como instrumento para manifestar seu discurso. Além do mais, Benveniste argumenta que a enunciação possui um conjunto de mecanismos formais que a tornam possível esses mecanismos vão das simples regras gramaticais, servindo como instrumentos fundamentais nos quais permite aos sujeitos se comunicarem eficazmente, até o mecanismo formal que compreende a noção de pessoa, tempo e espaço. Vejamos essa informação nas palavras de Benveniste (1989, p. 82):

O discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala, esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a ‘fala’? - É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é o nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação.

Entre os caracteres linguísticos da enunciação, a noção de pessoa é central para a teoria de Benveniste, pois é através dela que o discurso pode assumir uma perspectiva pessoal. Isso significa que, ao enunciar, os sujeitos se posicionam como locutor, podendo ser representado no sistema gramatical brasileiro como “eu”, tornando-se agentes ativos da comunicação. O uso dos pronomes pessoais, como “eu” e “tu”, por exemplo, reflete essa dimensão pessoal da linguagem e é um aspecto crucial do aparelho formal da enunciação. Para Benveniste (1989), esse é um dos requisitos para a enunciação, chamada de apropriação da língua. Nesse estágio, “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (BENVENISTE, 1989, p. 84). A pessoa, assim, se torna um dispositivo formal que organiza a relação entre o sujeito da enunciação e o sujeito do discurso, contribuindo para a construção da subjetividade e da intersubjetividade. Por isso Benveniste afirma que “a presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência

interno” (1989, p. 84), pois, assim, temos a interlocução necessária para o ato de enunciar, a relação conhecida como “eu-tu” que se refere ao índice de pessoa.

Ainda sobre o ato de apropriação, Normand faz uma observação que revela a significação no ato de enunciar:

Os elementos do “Aparelho formal da enunciação” cuja análise é aprofundada (1970) questionam: o *semiótico* do qual eles fazem parte mas que eles perturbam, o *semântico* na medida em que eles só remetem a si próprios, e a *distinção entre os dois campos*, já que eles provêm de um e de outro. Sua função é a de tornar possível a significação, atualizando nas frases diferenças formais que, de outro modo, ficariam vazias; mas esta função está ligada a um ato de apropriação que nunca tem um ponto fixo, já que ele é o próprio de um sujeito intangível, cada vez único e irreduzível. (NORMAND, 1996, p. 149)

Conforme podemos observar, a apropriação da língua concede ao indivíduo um espaço subjetivo que o capacita a se tornar um agente ativo no ato da enunciação, o que somente se torna possível quando o indivíduo assume a posição do locutor na primeira pessoa do enunciado, representando-se, em português, como “eu”. Especifica-se aqui a referência ao sistema linguístico do português, tendo em vista a seguinte informação sobre a posição do sujeito no discurso: “essas definições visam eu e tu como uma categoria da linguagem e se relacionam com a sua posição na linguagem. Não consideramos as formas específicas dessa categoria nas línguas dadas, e pouco importa que essas formas devem figurar explicitamente no discurso ou possam aí permanecer implícitas” (BENVENISTE, 1976, p. 279). Logo, não é estritamente necessário que a pessoa do discurso seja representada pelo “eu”, pois isso impossibilitaria de encontrar o sujeito da enunciação em línguas que não possuem esses pronomes pessoais nos seus sistemas.

Na enunciação há uma espécie de *quadro figurativo* que se configura através da interlocução entre um locutor e um alocutário de forma que permita a língua ser empregada com certa relação com o mundo, “quer dizer, a situação diz respeito à necessidade de o locutor referir e de o alocutário correferir pelo discurso” (FLORES, 2019, p. 157). Em outras palavras, a enunciação permite, ou melhor, exige uma troca interlocutiva necessária para o bom funcionamento do ato de enunciar. Esse ato de enunciar automaticamente estabelece uma relação com o destinatário do discurso, simbolizado pelo “tu”, na estrutura das pessoas do discurso, evidenciando assim a interlocução intrínseca à enunciação. Esse processo revela a complexa dinâmica da linguagem e como os sujeitos se situam e se relacionam através da fala, contribuindo para a construção de significado e a expressão de subjetividade na comunicação com base na relação que tem com o mundo.

Além da pessoa, o tempo e o espaço também desempenham papéis significativos no aparelho formal da enunciação. Benveniste observa que o tempo verbal é um elemento importante para a expressão do discurso enunciativo. Ele argumenta que os tempos verbais, como o presente, o passado e o futuro, não são simples categorias gramaticais, mas sim dispositivos que ancoram a ação no tempo. Dessa forma, Benveniste diz que “a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, na e pela enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 85). Temos então a importância do contexto do discurso no mundo para determinar o “agora” vivido pelo locutor.

Assim a enunciação é diretamente responsável por certas classes de signos que ela promove literalmente à existência. Porque eles não poderiam surgir nem ser empregados no uso cognitivo da língua. É preciso então distinguir as entidades que têm na língua seu estatuto pleno e permanente e aquelas que, emanando da enunciação, não existem senão na rede de “indivíduos” que a enunciação cria e em relação ao “aqui-agora” do locutor. (BENVENISTE, 1989, p. 86)

Logo, a relevância atribuída por Benveniste a enunciação reside na sua capacidade de gerar significado e conferir existência a determinadas categorias de signos, ou seja, refere-se ao conteúdo referencial. Ele sublinha que certos sinais adquirem vida e significado apenas em contextos específicos de comunicação verbal, destacando a necessidade de diferenciar entre entidades linguísticas permanentes e aquelas que emergem temporariamente durante o ato de enunciação.

Há, também, outro elemento considerado no ato enunciativo, é ele o espaço. Benveniste destaca que a linguagem é um recurso para a construção do espaço e da relação entre os sujeitos. Isso se manifesta em expressões que envolvem localização espacial, como “aqui”, “ali” e “lá”, que são utilizadas para estabelecer referências no discurso, não em vão, ele fala sobre a relação do “aqui-agora” presente na enunciação. O espaço, portanto, desempenha um papel crucial na organização da linguagem e na construção de significados.

Conforme explica Benveniste, “desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções” (1989, p. 86). Logo, o indivíduo tem em mãos um recurso poderoso para interagir com o outro. Na enunciação podemos tomar a posição de sujeito da língua, ao apropriar-se dela através do “eu”, temos como direcionar o outro com quem se fala determinando a pessoa “tu” e temos como delimitar o tempo que vivemos. Todos esses mecanismos juntos formam o aparelho formal da enunciação que nos permite manifestarmos através da língua, ou seja, permite que nos posicionemos como sujeitos dotados de subjetividade adquirida através da apropriação da língua.

Por isso que na teoria da enunciação aborda-se com frequência as implicações do contexto comunicacional para a análise da construção da subjetividade e da singularidade adquirida na e pela linguagem. A ênfase na noção de pessoa e na ação dos sujeitos na enunciação destaca como a linguagem desempenha um papel fundamental na expressão da subjetividade e na interlocução entre sujeitos.

2.2 A Antropologia da Enunciação

A Antropologia da Enunciação, influenciada pelas contribuições de Émile Benveniste e desenvolvida por pesquisadores como Flores (2019), é uma abordagem teórica interdisciplinar que desafia as fronteiras tradicionais entre a antropologia e a linguística. Flores introduz um conceito para esse campo de pesquisa, diz o autor, “a antropologia da enunciação, nos termos que a defino aqui, é o estudo de um saber sobre o homem que advém da sua capacidade de enunciar” (2019, p. 246). Essa abordagem se concentra na análise da linguagem como uma prática social e enfatiza a importância da enunciação, ou seja, o ato de fala concreto em que os sujeitos se situam como locutores e interlocutores. Flores (2019, p. 94) nos esclarece que “essa antropologia da enunciação é menos um estudo antropológico no sentido em que comumente se atribui e mais uma perspectiva que não prescinde do fato de o homem falar”.

A Antropologia da Enunciação observa a língua sendo empregada no contexto social e cultural, além do linguístico. Há na literatura a informação de que Émile Benveniste foi pioneiro a introduzir conceitos como a *pessoa*, o *tempo* e o *espaço* na enunciação. Em outras palavras, Benveniste destacou a importância de compreender fatores como o falante, o momento e o contexto da comunicação que desempenham papéis cruciais na construção e interpretação do signo linguístico, na negociação de significados e nas interações em sociedades diversas. Eis a justificativa do posicionamento de Flores quanto à Antropologia da Enunciação, segundo ele é uma linguística pautada no homem falante: “creio que a antropologia da enunciação seria, antes de tudo, um estudo da natureza *loquens* do homem, o que tem um interesse humano geral e não apenas disciplinar” (FLORES, 2019, p. 94). Sobre o *Homo loquens*, ele acrescenta: “Do meu ponto de vista, a enunciação é uma função que caracteriza o *Homo loquens* e identifica o caráter fundamentalmente verbal da condição humana” (2019, p. 258). Essa visão, por assim dizer, expande e aplica os conceitos trazidos por Benveniste na linguística, visando também sua compreensão em contexto sociocultural.

Seguiremos uma sequência de argumentos que partiu de Flores para direcionar o esclarecimento da teoria linguística da antropologia da enunciação, visando inteirar os leitores

do pilar deste trabalho. Ao formular este conceito, Flores (2019) se questiona sobre o lugar do homem na definição da língua, questionamento esse que o leva a uma reflexão antropológica, que, como sabemos, está relacionada às experiências do homem enquanto falante.

Essa função constitui um objeto antropológico (cf. “Apresentação”) na justa medida em que dá a conhecer os efeitos da presença da língua no homem. A antropologia da enunciação visa, portanto, esse saber sobre o homem que advém do fato de o homem falar – expressar-se verbalmente (FLORES, 2019, p. 259).

Dentro do campo filosófico, há diversos caminhos para tentar conceituar “homem”. Um deles diz respeito à individualização do homem em relação a outros animais, à princípio, sua natureza simbólica. “Ora, quando o homem emprega um símbolo qualquer ou o identifica, ele exerce a faculdade simbolizante que o permite formular um conceito. É uma capacidade altamente abstrata, de natureza criadora, representativa, que individualiza o homem em relação aos outros animais” (FLORES, 2019, p. 25).

Tem-se, então, o objeto da antropologia da enunciação: o *Homo loquens*. Flores adverte aos linguistas a necessidade de “[...] prestar atenção na experiência que cada falante tem acerca da sua condição de falante, no interior dos problemas gerais de linguística (tradução, aquisição, patologia etc.)” (2019, p. 32), isso porque

Essa experiência, que aparece sempre que o falante comenta a sua condição de falante, é, propriamente falando, os “dados” de análise para o linguista com a preocupação antropológica aqui apresentada. Esses “dados” são uma espécie de etnografia de si, em que o falante se situa – talvez fosse melhor dizer, se autorrefere – no interior dos fenômenos em que a sua experiência de falante está no centro (FLORES, 2019, p. 32).

Mas para isso, o autor nos alerta que devemos compreender o sentido do uso de antropologia que está baseado no “conhecimento do homem” e não em outro sentido. Sobre esses dados, Flores destaca que a experiência do falante ao comentar sua condição de falante é considerada como os “dados” que são fundamentais para a análise linguística. Esses dados referem-se às reflexões e expressões do falante sobre sua própria experiência linguística, que são valiosas para o linguista no contexto de uma abordagem antropológica. Ressalta ainda a necessidade de o falante comentar sua posição de falante. Assim como um etnógrafo se envolve no estudo de culturas observando e registrando comportamentos, o falante, ao comentar sobre sua experiência linguística, fornece dados que são uma espécie de narrativa etnográfica autorreflexiva, ou seja, não apenas observa a linguagem de maneira objetiva, mas também considera a subjetividade do falante e sua relação ativa com a linguagem.

[...] o comentário introduz o falante na metalinguagem, o que proporciona uma verdadeira revolução na formalização. A tomada antropológica da enunciação se dedica, então, a identificar e descrever tais comentários, tanto em relação a sua forma como a seu sentido. O linguista interessado nessa antropologia da enunciação teria de ficar atento à relação compreensão/incompreensão da língua, pois é nesse ínterim que o falante se situa como etnógrafo de sua experiência *loquens*. (FLORES, 2019, p. 319).

Nessa passagem, Flores está discutindo a natureza de um tipo específico de metalinguagem natural, que é o comentário que um falante faz sobre sua própria posição como falante (ou de qualquer outra pessoa) em relação a um fenômeno linguístico específico. Tem-se, dessa forma, o surgimento de um conhecimento sobre o ser humano e sua interação com a linguagem. Esses comentários não são apenas reflexões linguísticas, mas também possuem uma dimensão antropológica, proporcionando uma visão abrangente sobre a natureza humana em relação à linguagem. Ao considerar os comentários dos falantes sobre sua posição na linguagem como objetos antropológicos, é sugerido que esses comentários são uma forma de expressão cultural que revela informações sobre a relação entre o indivíduo e a linguagem em um contexto mais amplo. A menção de que o comentário, especialmente o exegético, é uma hipótese que pode ser apreciada por outros conecta-se ao método de pesquisa da antropologia, que frequentemente envolve a formulação de hipóteses e a submissão dessas hipóteses a uma análise crítica pela comunidade acadêmica.

Flores reitera em vários momentos a necessidade de entender o que é uma antropologia da enunciação e qual seu objeto de estudo, pois como linguística, a visão da língua no homem é algo que deve ser melhor analisado. Vejamos o que o autor nos diz sobre isso: “a antropologia da enunciação estuda o fato de o falante tematizar a posição de falante ao tratar de fenômenos em que ele – ou qualquer outro falante – está implicado. É um retorno reflexivo que o falante produz ao falar sobre como opera a língua para aqueles que a falam” (FLORES, 2019, p. 259). Essa noção de poder relatar, ou melhor, comentar experiências através do uso da língua pelo falante nos faz ver a possibilidade relatar os fatos do mundo.

No panorama da linguística, muitas vezes os pesquisadores focaram predominantemente nas estruturas formais da língua, negligenciando a riqueza de informações que os próprios falantes oferecem sobre sua condição de falantes. Segundo Flores (2019, p. 261) “O linguista raramente se ocupou de olhar as “pistas” que o falante dá de sua condição de falante. Essas pistas conduzem a um conhecimento sobre o homem que advém do fato de o homem falar”. Essa abordagem, como aponta Flores, desconsidera as “pistas” que os falantes deixam ao se expressarem. Neste contexto, as “pistas” referem-se a uma gama de elementos, como escolhas linguísticas, entonação, gestos e outros sinais que revelam a relação intrínseca

do falante com a língua. A negligência desses indicadores resulta em uma perda significativa de compreensão sobre a linguagem como fenômeno humano.

A categoria que emerge como fundamental na análise dessas “pistas” é o “comentário”. O comentário não se limita a meras observações superficiais; ele constitui uma ferramenta analítica robusta que oferece noções profundas sobre a relação do falante com a língua, como o simbolismo linguístico pode funcionar como indicador de subjetividade no contexto de enunciação em que está inserido o sujeito. Entendido como um contorno de sentido, o “comentário” é uma operação natural do falante que busca explicar e compreender as formas e a presença da língua em sua experiência. Esse contorno de sentido, por sua vez, é comparado a uma hermenêutica natural, indicando que os falantes, ao comentarem sobre sua condição de falantes, estão envolvidos em um processo interpretativo intrínseco e constante. E, assim, tem-se uma categoria de acesso à “antropologia da enunciação” que permite mostrar um saber sobre o homem que vem do fato do homem poder falar “Por exemplo, quando o falante comenta a experiência que tem com a sua voz ou com a voz de um outro qualquer, em ambas as instâncias é de sua experiência que ele está falando” (FLORES, 2019, p. 262).

Portanto, vimos que a antropologia da enunciação tem uma abordagem centrada no *Homo loquens* que possibilita analisar o homem em uso da língua e a simbolização presente nesse ato de usar a língua. Essa abordagem nos revela que precisamos partir de uma metalinguagem, do homem falante enunciando sobre o homem falante e que através dessa metaenunciação veremos os efeitos da língua no homem.

2.3 O dizer do “outro” sobre o sujeito autista

O desafio de enunciar, de se posicionar como sujeito por meio da língua, é um tema que tem suscitado inúmeras inquietações entre os linguistas. A dificuldade percebida em sujeitos dentro do espectro autista em dominar a língua e expressar subjetividade é evidente, conforme Júnior e Vicente (2014, p. 1) observam, ao afirmar que “a criança autista parece fugir, em graus diversos, aos índices de subjetividade disponíveis na linguagem e às formas de interação que a coloquem à mostra para o outro”.

A complexidade se aprofunda quando se direciona a atenção para sujeitos autistas não verbais, uma vez que a ausência da língua nessa situação pudesse levar alguns estudiosos a questionarem a própria possibilidade de apropriação da língua por parte desses indivíduos. Em outras palavras, não há como a concepção da posição de sujeito, a subjetivação, ser negada aos autistas não verbais. Entretanto, se o interlocutor não permitir a efetiva interlocução entre ele e

o sujeito autista não verbal pode ocorrer o que Barros chama de negar a possibilidade de subjetivação.

A posição assumida pelo interlocutor diante das produções linguísticas verbais e não-verbais do sujeito autista, negando-lhe a possibilidade de subjetivação. Ou seja, não se percebe um movimento ou possibilidade de constituição do sujeito, contrariando-se a premissa de que o sujeito é efeito da linguagem, efeito de um discurso constitutivo. (BARROS, 2011, p. 229):

Nessa visão, somos levados a questionar como se comporta o “outro” frente à “ausência linguística” do sujeito autista não verbal. Por um lado, temos o sujeito autista não verbal com uma comunicação atípica que pode ou não envolver signos linguísticos para levá-lo a se comunicar, visto que “na enunciação da criança autista, os fonemas e as combinações realizadas passam a funcionar como signos da língua e como palavras do discurso, e sinalizam um modo singular com que as unidades semióticas se combinam e podem ser compreendidas pelo outro” (BARROS; JÚNIOR, 2023, p. 121). Por outro lado, há o “outro”, aquele que comenta o comportamento do sujeito autista, interpretando, por vezes, as vontades desses indivíduos.

Lembremos que para Benveniste não há sujeitos ou subjetividades anteriores à linguagem, há, tão somente, interlocutores. Nesse ponto de vista, percebemos a influência das considerações psicanalíticas lacanianas ao fazer alusão a subjetividade e constituição do sujeito, uma vez que Lacan menciona que no momento em que o Outro nomeia e estabelece um lugar na linguagem, o sujeito se constitui enquanto tal. (BARROS, 2011, p. 230)

Dessa forma, temos um posicionamento subjetivo que se constitui na e pela linguagem conforme explicado pela autora. Não obstante, saber que a linguagem permite que o sujeito se posicione como tal, nos traz à tona a questão da posição que o outro dá ao sujeito autista, visto que a comunicação desses sujeitos pode ser incomum aos neurotípicos. Há no estudo de Andrade (2005) a revelação dos lugares subjetivos em que o indivíduo autista é colocado pelo outro. Nessa passagem, vemos um quadro clínico que envolve a criança autista e sua terapeuta. Nessa relação, a terapeuta busca desvendar o posicionamento do sujeito autista com base naquilo que o ‘outro’ lhe possibilita uma das observações é que o sujeito autista pode permitir que o outro interfira naquilo que ele próprio gostaria de mostrar, sendo, portanto, interpretado por alguém, nesse caso, pela terapeuta. Vejamos:

No que se refere à sua maneira de convocação à criança, esta terapeuta sempre inicia a interação com José Carlos provocando momentos de fusão entre eles, fazendo um apelo via alienação pela palavra. Depois disso, ela efetiva alguns cortes e, a partir desses cortes, ele começa a emergir enquanto sujeito. Por sua vez, a criança “solicita” que a terapeuta se coloque na posição de complementá-lo e/ou de adivinhar os seus

pensamentos, como se ela soubesse sobre ele, posição esta, em que ela termina, às vezes, por embarcar. (DE ANDRADE, 2005, p. 278)

A negação da subjetivação e a complexidade na manifestação da linguagem desses indivíduos lançam luz sobre os desafios enfrentados tanto por eles quanto pelos pesquisadores que buscam compreender a intrincada relação entre a linguagem, a identidade e a interação social nesse contexto específico.

A análise proposta pela autora sobre o “complementar” revela uma dinâmica peculiar em que o sujeito autista não verbal é interpretado, narrado ou comentado a partir da perspectiva do “outro”. Essa abordagem encontra ressonância na visão de Benveniste, que destaca a ligação intrínseca entre a intersubjetividade e a linguagem. A passagem em foco oferece uma reflexão aprofundada sobre a complexa interação entre o sujeito autista não verbal, o ambiente linguístico circundante e o papel fundamental influenciado pelo “outro” na interpretação desse sujeito.

Benveniste, ao explorar a enunciação como um ato intersubjetivo, ressalta a constituição do sujeito como falante na sua relação com o outro. Flores contribui para essa perspectiva ao introduzir a ideia da *língua no homem*, invertendo a compreensão convencional de como o sujeito utiliza a língua para falar de sua posição de falante. A amplitude da linguagem, não se limita apenas às palavras faladas, incluindo gestos e sinais linguísticos que desempenham um papel significativo na comunicação.

Assim, a subjetividade do indivíduo autista não verbal se manifesta em seu comportamento comunicativo, muitas vezes narrado pelo “outro”, que completa a interlocução sugerida por Benveniste na conhecida relação “eu-tu” das categorias de pessoas do discurso. A enunciação, conforme argumentado por Benveniste, estabelece uma posição do sujeito em relação ao “outro”, influenciando a subjetividade do falante. Nesse contexto, a interferência do “outro” na interpretação do sujeito autista revela uma dinâmica subjetiva presente na interação, comunicando, de certa forma, que a expressão desses indivíduos seja moldada pelo “outro”.

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (BENVENISTE, 1989, p. 83-84).

A citação de Benveniste destaca que a interlocução é fundamental nas condições para a enunciação, indicando que a língua se torna eficaz quando é usada por um sujeito específico durante um ato de fala. Ao analisar a linguagem em sujeitos autistas não verbais à luz das teorias

discutidas, observe-se a singularidade do ato de enunciação. Da mesma forma que Benveniste destaca a individualidade na utilização da língua, a análise desse assunto destaca a complexidade de sua expressão linguística, frequentemente interpretada e narrada pelo “outro”, conforme mencionado anteriormente. O autor destaca que, ao usar a língua, o locutor se constitui como sujeito. “Cada enunciação é um ato que serve ao propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo. Uma vez mais, a linguagem, nesta função, se manifesta a nós não como um instrumento de reflexão, mas como um modo de ação” (BENVENISTE, 1989, p. 90).

Nos sujeitos autistas, mesmo não verbais, a linguagem, seja ela simbólica ou não, é crucial na construção da subjetividade. A narrativa do “outro” sobre o comportamento comunicativo desses sujeitos completa a subjetivação presente na interlocução, apesar das formas atípicas de enunciação. Como se pode perceber, essa reformulação visa ressaltar a expressão mantendo o foco na importância do locutor na enunciação, assim como destacar a singularidade do ato de enunciar e a relevância da linguagem como meio de subjetivação dos sujeitos autistas não verbais.

2.4 Considerações parciais

Com base no que foi exposto anteriormente, cabe ressaltar que, para este trabalho, alguns pontos de nossa referência nos chamam mais atenção. Dos estudos de Benveniste, nos ateremos as categorias presentes na enunciação. O “Aparelho Formal da Enunciação” destaca-se como um marco conceitual crucial dentro da obra de Benveniste. Esse texto explora as bases teóricas que sustentam a enunciação, delineando as categorias fundamentais que moldam a compreensão do papel do sujeito na produção linguística. Entre essas categorias, destacam-se as noções de pessoa de tempo e espaço que delineiam o ato de enunciar, ou seja, o locutor, o alocutário e o próprio ato de enunciação. Cada elemento desempenha um papel vital na estruturação do significado linguístico e na construção da subjetividade na intersubjetividade da linguagem.

Veamos o que diz o autor sobre a categoria de pessoa. O locutor, também conhecido como o ‘eu’ do discurso, como agente da enunciação, não se limita a uma entidade física, mas representa a posição subjetiva daquele que fala. O locutor, por sua vez, ao enunciar, fornece ao outro a posição de ‘tu’ no discurso, ou seja, necessariamente vai existir um alocutário, aquele a quem o discurso é dirigido. Essa dualidade entre locutor e alocutário estabelece a dinâmica essencial na produção e recepção da linguagem, o “eu/tu”. “Mas imediatamente, desde que ele

se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribui a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 1989, p. 84). Mas há também a referência dentro da enunciação, aquele de quem se fala, a este, o autor denomina de não pessoa, ou melhor, o “ele”.

A categoria do próprio ato de enunciação é central para a compreensão da teoria enunciativa. Benveniste destaca que a língua só se realiza eficazmente quando é ativada por um ato individual de utilização. Isso implica que a linguagem é diretamente vinculada à ação humana, revelando a interseção intrínseca entre linguagem e subjetividade.

Não podemos deixar de falar da categoria relacionada a temporalidade, “quadro inato do pensamento” (1989, p. 85). Nessa categoria, que se produz na e pela enunciação, o tempo verbal presente dita o tempo da enunciação. “Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 1989, p. 85). Esse ‘tempo’ é a referência interna no ato enunciativo e delimita aquilo que se fala quando se fala, ou seja, “[...] não existem senão na rede de “indivíduos” que a enunciação cria e em relação ao “aqui-agora” do locutor” (p. 86). Por fim, há também o espaço em que a enunciação ocorre, que pode ser um espaço específico ou social, e essa categoria ajudará na compreensão do discurso, não em vão, o autor afirma que a enunciação é um processo de *apropriação* da língua e que esta é empregada com o mundo que o cerca.

Ademais, cabe-nos neste momento focar na noção de “comentário” trazida por Flores (2019), porque acredita-se que, para os resultados deste trabalho, a forma que o “outro” narra a posição do sujeito autista não verbal no mundo pode ser um indicador de subjetividade na linguagem desses sujeitos fazendo uma ligação com Benveniste, acredita-se que os índices de pessoa, tempo e lugar fornecerão a base para analisar os comentários feitos sobre o indivíduo autista.

Da perspectiva que estou querendo fundamentar, o fato de o locutor, o falante, poder falar da língua com a língua confere-lhe um estatuto muito singular: ele é uma espécie de comentador do que ouve e mesmo do que diz. E não se trata de um comentário qualquer, mas de um recurso do qual o falante se vale para dizer algo que a língua fora da propriedade “meta” não permite (FLORES, 2015, p. s91)

Flores (2019) destaca a importância da linguagem na construção da singularidade e subjetividade desses indivíduos. A voz, para o autor, transcende a forma verbal e incorpora

gestos e outras expressões não verbais. Vejamos o que diz o autor sobre o comentário feito pelo falante sobre a voz, “[...] uma tentativa de falar da materialidade significativa da língua – nesse caso, a voz – atribuindo-lhe um sentido” (FLORES, 2015, p. s92). A presença do “simbólico” nesse contexto refere-se à capacidade desses sujeitos de se apropriarem de formas simbólicas, mesmo que atípicas, para se comunicarem e expressarem subjetividade. Eis a razão de a enunciação, para ambos os autores, não ser apenas uma questão de comunicação, mas um ato simbólico que configura a identidade individual.

A função simbólica da linguagem refere-se à capacidade única da linguagem de servir como um sistema simbólico que representa o mundo. A linguagem não é apenas um conjunto de símbolos que se referem a objetos ou conceitos, mas é também um meio pelo qual os sujeitos constroem significados e se relacionam com o mundo ao seu redor. Essa abordagem se conecta diretamente à forma como o “outro” interpreta e comenta o comportamento linguístico desse sujeito. Flores propõe que a expressão simbólica não seja limitada à linguagem verbal. Em contextos autistas não verbais, onde a comunicação verbal pode ser limitada ou ausente, a expressão simbólica pode se manifestar através de gestos, expressões visuais, ou outros sinais não verbais.

A presença do “outro” é crucial na interpretação desses comportamentos não verbais, pois ele fará os comentários acerca do sujeito autista não verbal. Logo, o “outro” desempenha o papel de intérprete, tentando decifrar e significar significado aos sinais não verbais apresentados pelo sujeito autista. “De certa maneira, o falante, ao falar da face significativa da língua, produz uma interpretação, uma espécie de tradução, um segundo nível de enunciação, nas palavras de Benveniste, que, por sua vez, constitui um nível de percepção ainda não contemplado pela linguística” (FLORES, 2015, p. s91). Esse processo de interpretação é, em si mesmo, um ato simbólico, onde o ‘outro’ atribui significados e tenta compreender a expressão do sujeito autista. Esses comentários não são apenas observações, mas representam um processo ativo de construção de significado. O “outro” interpreta os comportamentos não-verbais do sujeito autista, atribuindo-lhes significado e, assim, contribuindo para a construção de uma linguagem simbólica compartilhada.

Por fim, é importante ressaltar que a subjetividade se manifesta na interpretação do “outro”, pois seus próprios entendimentos, experiências e conhecimentos moldam a maneira como atribuem significado aos comportamentos do sujeito autista, de forma a simbolizar a interlocução. Dessa forma, a subjetividade está presente não apenas na expressão do sujeito, mas também na interpretação do “outro”.

3 METODOLOGIA

Nossa abordagem se fundamenta nos estudos de Benveniste (1989) e Flores (2019) para analisar o discurso advindos dos dados coletados. No escopo deste trabalho, adotamos uma metodologia de análise qualitativa. Essa escolha é justificada pela natureza exploratória do estudo, visando a identificação da interferência do “outro” e uma compreensão mais profunda dos fenômenos linguísticos relacionados ao discurso sobre os sujeitos autistas não verbais. A fase de coleta de dados foi realizada por meio de observações de vídeos provenientes de redes sociais, com o propósito de analisar o discurso presente nesse material. Essa abordagem teve como objetivo obter uma compreensão ilustrativa dos dados, uma vez que reconhecemos a complexidade do grupo em questão, a qual não nos permite restringi-los a um padrão específico. Nesse contexto, a exposição dos dados exemplificativa, pois não temos a intenção de proporcionar uma amostragem exaustiva.

A escolha dos dados, provenientes da internet, são de uso livre, por essa razão, tem-se a liberdade da utilização de maneira ética mesmo sem precisar de um parecer técnico de aprovação formulado pelo comitê de ética, priorizamos o respeito e o cuidado das informações aqui levantadas. Optamos por focar nossa análise na página *autismo.br* do Instagram, onde há vários conteúdos relacionados aos diversos níveis de suporte do autismo no Brasil. A página nos ajudou a elencar dados relacionados à vida em torno do sujeito autista não verbal e a forma que o “outro” relata a rotina desse sujeito. Também elencamos alguns vídeos da plataforma Youtube, sempre pensando em buscar conteúdos já publicados em redes sociais a fim de facilitar a amostragem e utilização dos dados.

Ao realizar um recorte na seleção dos vídeos, é importante ressaltar que nossa delimitação não tem a intenção de abarcar toda a complexidade do grupo. Em vez disso, buscase, de certa forma, obter algumas informações sobre o papel do outro na vida do sujeito autista. A proposta deste estudo concentra-se em investigar a relevância da voz de um *terceiro* ao narrar a experiência do sujeito autista não verbal para o público em geral, com o objetivo de identificar possíveis indicadores de subjetividade nessa interlocução pouco comum entre esses indivíduos.

No cerne de nossa pesquisa está uma indagação sobre como se dá a representação da linguagem do sujeito autista e de que maneira o “outro” está intrinsecamente ligado à enunciação desses sujeitos. Com base nos discursos selecionados, buscamos elucidar como ocorre a simbolização na enunciação, destacando a presença da função simbólica da linguagem na narrativa dessas experiências.

Os dados subjacentes a esta investigação serão expostos mediante a estruturação de um quadro. Neste quadro, encontra-se a transcrição dos discursos proferidos pelo “outro” em relação ao sujeito autista não verbal. Desta forma, a apresentação das enunciações será conduzida de maneira sistemática e organizada, obedecendo a uma disposição metodológica que propicie o discernimento na apreensão dos elementos analíticos.

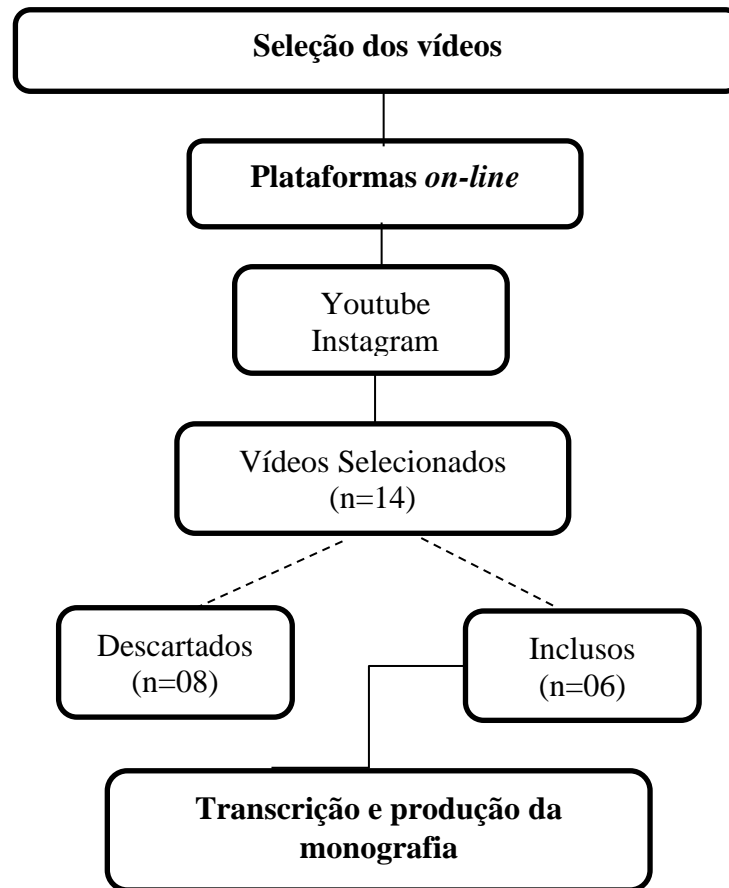
3.1 Seleção e apresentação dos dados

A etapa de seleção e exposição dos dados envolveu uma série de procedimentos cruciais. Inicialmente, precisamos definir o tipo de recurso a ser utilizado. Optamos por vídeos produzidos em ambientes *on-line* por familiares de pessoas autistas não verbais. Em seguida, escolhemos as plataformas Instagram e Youtube como fontes para coletar esse material. Como mencionado na seção anterior, os vídeos selecionados, em sua maioria, pertencem à página *autismo.br*, que foi a responsável por nos apresentar perfis como o da *Day Albuquerque* e *Elisangela.dora1*.

Posteriormente, delimitamos o conteúdo dos vídeos, selecionando aqueles nos quais o discurso do “outro” estava direcionado especificamente ao indivíduo autista não verbal. Essa seleção não exigia necessariamente que a interlocução entre o sujeito neurotípico e o sujeito atípico fosse explícita, mas prezou-se pelo fato narrado pelo “comentador” em relação ao comportamento do sujeito analisado.

Após o recorte dos vídeos, realizamos uma análise do discurso proferido pelos familiares e conhecidos do sujeito autista não verbal, buscando entender como esses sujeitos foram apresentados e quais efeitos foram gerados na interlocução com esses sujeitos. Nesse contexto, foram selecionados 14 vídeos, dos quais 6 foram escolhidos para serem detalhados na nossa apresentação dos dados, como mostrado na figura 2.

Figura 2 – Fluxograma da seleção dos dados do estudo.



Fonte: autismobr.

Antecipadamente, é relevante esclarecer que alguns vídeos podem não conter uma definição precisa do momento em que a fala ocorreu, o motivo pelo qual esse fato acontece, pode ser atribuído a política adotada por cada plataforma. Diante disso, optamos por utilizar indicadores da quantidade de linhas na transcrição do discurso para facilitar a referência na seção de resultados e discussões. É crucial salientar, entretanto, que todos os vídeos apresentados são sucintos, proporcionando um acesso fácil e rápido ao conteúdo exposto.

Além disso, destaca-se que as transcrições dos vídeos não seguirão um padrão fonético, consistindo apenas em uma descrição simplificada do discurso. Mesmo que o discurso seja enunciado sem formação lógica de palavras, não iremos transcrever os sons limitar-nos-emos a representar aquilo que se assemelha as nossas palavras e que está de acordo com o sistema alfabético convencional.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para entender a enunciação e a intersubjetividade na linguagem e na vida de pessoas autistas não verbais, é importante considerar como esses conceitos se aplicam a essa população. Pessoas autistas não verbais enfrentam desafios significativos na expressão verbal. A enunciação, que envolve a produção de enunciados linguísticos, pode ser limitada ou ausente nesse contexto, levando a formas alternativas de comunicação. A enunciação em pessoas autistas não verbais pode ser observada em expressões faciais, gestos, e outros comportamentos não verbais. Esses elementos não verbais ainda desempenham um papel crucial na comunicação, servindo como formas de expressão e interação.

A intersubjetividade pode manifestar-se de maneiras não convencionais em pessoas autistas. Isso pode incluir a utilização de meios não verbais, como o uso de tecnologias de comunicação assistida, expressões faciais ou outros métodos para estabelecer conexões significativas com os outros. Dada a variabilidade significativa no espectro autista, é essencial adotar abordagens individualizadas para a enunciação e intersubjetividade. Isso pode envolver a identificação e promoção de formas alternativas de comunicação que se alinhem com as preferências e habilidades únicas de cada indivíduo. Uma das formas que observamos ser muito frequente na interlocução diz respeito ao papel do “outro” que utiliza sua posição de *Homo loquens* para narrar/comentar, com sua própria apropriação da língua, as intenções comunicativas de autistas não verbais. Dessa forma, é possível compreender a enunciação e intersubjetividade na vida de pessoas autistas não verbais, com uma abordagem antropológica da linguagem, valorizando não só a subjetividade do sujeito autista, mas também a posição que o “outro”, enquanto comentarista, propicia a eles.

A intersubjetividade é fundamental na comunicação desses sujeitos, pois diz respeito à capacidade de compartilhar significados e experiências com outras pessoas. Indivíduos autistas não verbais podem enfrentar desafios na formação de conexões sociais devido à limitação na expressão verbal e à dificuldade em compreender os sinais sociais convencionais. Mas não apenas isso, há também certa dificuldade das pessoas que interagem com os autistas não verbais, porque, na maioria das vezes, essas pessoas desconhecem como funciona o desenvolvimento linguístico dos atípicos e podem precisar de um esforço não habitual para interpretar ou entender o que foi dito por eles. Essa necessidade de tornar o autista acessível ao outro e fazer com que esse outro perceba o autista requer estudos profundos relacionados à linguística desse grupo, pois é uma das maiores dificuldades de a sociedade entender o que diz o sujeito autista. Por essa razão, visou-se explicar o que foi analisado nos dados a fim de proporcionar esse

conhecimento a todos que desejam ter interações mais inclusivas e respeitosa com sujeitos autistas não verbais.

Apresentaremos alguns exemplos de discursos de familiares de sujeitos autistas não verbais, buscando refletir sobre a realidade em que esses discursos se desenvolvem. Exploraremos questões como as dificuldades na compreensão do discurso, o posicionamento subjetivo na linguagem, comentários e narrativas que podem ampliar ou restringir a posição dos autistas, o contexto em que ocorre, bem como outras variações consideradas relevantes para a exposição de nossa reflexão sobre o tema. Assim, será fornecido não apenas o discurso do familiar responsável pelo sujeito autista, mas a descrição da cena, dos comentários feitos por internautas e, quando possível, a própria intenção comunicativa do sujeito do autista. Nessa perspectiva, acompanhar-se-á os dados coletados dos vídeos da página *autismobr*. Eles foram transcritos no quadro 1.

Quadro 1 – Transcrição das falas dos participantes

Vídeo	Descrição da cena que se passa no vídeo	Exposição do comentário	Transcrição da fala	Link do material
01	Sujeito autista aparece na cozinha com um suco de caixinha na mão, ela termina o suco e quer jogar a caixinha fora. Percebe que o lixeiro tá sem a 'bolsa' e procura alternativas para descartar o lixo com base no que a família costuma fazer.	Ela é autista não verbal, certo? Como é que cês sabem se ela entende as coisas ou não? Ela entende tudo?	Discurso da irmã do sujeito autista: 1. Atitudes como essa que Fulana ¹ teve nesse dia fazem a gente saber que ela entende muito, 2. só de observar a gente. Ela terminou de comer e foi jogar no lixeiro a embalagem, quando 3. ela viu que os lixeiros não estavam com as bolsas que normalmente ficam, olha só o que 4. ela fez... 5. Eita! tomar mais um pouquinho antes de jogar fora - não tem nada aí ela sugando aí 6. (risos). Pronto óh, viu que tá sem papel (tá muito bom esse vídeo) viu que tá 7. sem papel resolveu não jogar ali, deixa eu ver o que ela vai fazer... que o outro também tá 8. sem papel, não, sem bolsa, o outro também tá sem bolsa... 'muito bem'... eu coloquei os	https://www.instagram.com/p/CyjuRDrOrZ0/ .

¹ Fulana é a representação do primeiro sujeito autista não verbal analisado. Toda ocorrência dessa palavra refere-se ao mesmo sujeito em todos os quadros.

			<p>9. lixos ali ainda não troquei a bolsa, ‘muito bem’, tá vendo como ela é</p> <p>10. observadora? Muito sabida, muito. Vai tomar uma aguinha agora.</p>	
--	--	--	---	--

Fonte: Dados do estudo transcrito da página do Instagram *autismobr*.

No **vídeo 1** apresenta-se a transcrição da fala do autista e seu familiar. É importante destacar que esses familiares ocupam a posição de “outro” em relação ao sujeito que está sendo analisado. Ressalta-se ainda que a enunciação presente nos quadros não se limita apenas à forma oral, mas também inclui a forma escrita. Isso ocorre porque os familiares optaram por alternar entre as duas formas de expressão ao comentar sobre o sujeito autista não verbal.

Uma das maiores dúvidas de pessoas neurotípicas está relacionada à capacidade do autista não verbal compreender o que foi dito, visto que ele não responde da mesma forma que a pessoa verbal². Nesse primeiro vídeo, observamos os movimentos feitos pelo sujeito autista, como ele se move em determinado espaço, a forma de observar as coisas ou a direção do olhar, como indicadores da intenção comunicativa do sujeito. Além do mais, observamos o discurso das pessoas que estão em volta desse sujeito como representantes verbais do ato comunicativo deles. Observa-se que o sujeito autista do vídeo 1, por meio de comportamentos repetitivos, demonstra compreender as instruções de seus familiares, mesmo sem interações verbais diretas. No referido vídeo, um sujeito verbal utiliza a linguagem para interrogar o comportamento do sujeito não verbal, e adicionalmente, a irmã da pessoa autista comenta como essa pessoa compreende a necessidade de descartar o lixo adequadamente, tudo isso viabilizado pela comunicação estabelecida com sua família, em que a aprendizagem ocorre por meio da observação dos comportamentos familiares.

Na justificativa apresentada pela irmã, usando a metalinguagem para falar acerca da comunicação do sujeito autista, a compreensão das comunicações sociais por parte do sujeito não verbal é fundamentada na análise das atitudes dela. A irmã examina o comportamento da pessoa autista em uma circunstância atípica, conforme mencionado na linha 3 do vídeo 1, onde as ‘bolsas’ do lixeiro, que geralmente estariam no lixo, não se encontravam lá, levando o autista a adotar uma abordagem diferenciada para o descarte adequado do lixo, alinhada às práticas usuais de sua família. Destaca-se que a irmã utiliza a língua para descrever o comportamento

² Esclarece-se que este termo será abordado ao longo dos resultados referindo-se à pessoa com capacidade de expressar-se verbalmente, os neurotípicos, pessoas sem diagnóstico para dificuldades na comunicação. Este termo representa o oposto da pessoa não verbal, uma vez que este último está associado à ausência do ato de verbalização.

de *Fulana*, reforçando com palavras afirmativas quando o sujeito autista faz escolhas apropriadas no descarte do lixo, adicionando comentários subjetivos como, por exemplo, “tá vendo como ela é muito observadora?” (linha 9-10). Em outro momento a irmã afirma que o sujeito autista entende muito – “Atitudes como essa que *Fulana* teve nesse dia fazem a gente saber que ela entende muito, só de observar a gente” (Linha 1-2), pois é essa a percepção da irmã de *Fulana* baseada em fatos observados no comportamento do autista não verbal. Estamos diante da manifestação do simbólico nas ações do autista e na interpretação de sua irmã, que comenta o comportamento do sujeito não verbal.

Aplicando a teoria ao vídeo observado, observa-se uma materialidade significativa no comportamento de *Fulana*, que, com base nos comentários de sua irmã, adquire a caracterização de “pessoa observada”. A narração da irmã do sujeito autista não verbal constitui uma percepção que se desenvolve por meio de uma linguística do homem falante, ou seja, pelo discurso que o homem faz da língua, evidenciando o conhecimento intrínseco ao homem falante.

Quadro 2 – Transcrição das falas dos participantes

Vídeo	Descrição da cena que se passa no vídeo	Exposição do comentário	Transcrição da fala	Link do material
02	Criança autista dentro da sua casa cantando, no ritmo e no tom da música, “coelhinho da Páscoa” para sua mãe.	Quem sabe o que <i>Cicrana</i> ³ está cantando? Criança autista não fala, mas canta a música toda.	Áudio da pessoa autista e o tempo transcorrido: 00:01 - Coono cavaca quecawata aidenayana mamáetaneta, váwana tauhata de mano 00:05 - Comui no cavaca queuwek ail anouya na mama etaba cometa azul, ametaael entanietabá 00:16 - Azul, arael entanietabá, coomui u cavaca quetamwata aidenayana mamáetaneta 00:21 - 00:33 kaouve cavaca que é metazul, kaouve cavaca que é metaavé cava azul amaee et êmê tabã.	https://www.youtube.com/shorts/aHQiXtbYZn0 .

Fonte: Dados do estudo transcrito da página do Instagram *autismobr*.

³ Cicrana representa outro sujeito autista não verbal, as ocorrências dessa palavra ao longo das análises referem-se ao mesmo sujeito.

Neste seguimento, as informações presentes no **vídeo 2** requerem uma análise abrangente de seu contexto, que vai desde o comentário feito pela mãe de *Cicrana* até a observação da performance vocal da menina. Ao analisar a transcrição do áudio da pessoa autista, não há coerência enunciativa que demonstre o que está sendo comunicado, esse misturado de letras “Coono cavaca quecawata aidenayana mamáetaneta [...]” (tempo 00:01), segundo Benveniste essa estrutura linguística é considerada variantes na oralidade do sujeito autista, logo, essa estrutura não parece revelar algo significativo até associarmos ao contexto, à intertextualidade e ao som com suas variações tonais. Somente com o uso de todos esses recursos linguísticos juntos, há uma troca efetiva na comunicação da criança com o alocutário. Conforme a teoria de Benveniste em relação a linguagem, o respeito ao contexto da enunciação faz parte dos índices de discurso e somente ao considerar o contexto linguístico do ato de apropriação a língua que conseguimos ter uma interlocução eficaz. Acrescenta-se a essa afirmação a posição trazida por Flores (2019, p. 184), sobre a capacidade dos signos variantes integrarem a realidade do discurso, se tornando autorreferências e atribuindo a eles mesmo o sentido apropriado, “[...] os signos “vazios” não são referenciais à realidade objetiva, mas à “realidade de discurso” na qual encontram sentido porque referem o seu próprio aparecimento; logo, são autorreferenciais”.

No vídeo em questão, uma contraposição emerge, centrando-se na assertiva de um *terceiro* sobre a linguagem da criança autista. A mãe faz o seguinte questionamento para os seguidores dela: “Quem sabe o que *Cicrana* está cantando?”, após essa indagação ela afirma “Criança autista não fala, mas canta a música toda”. Realmente, ao assistir o vídeo, é compreensível o que a criança canta, mesmo ela sendo considerada autista não verbal, e o tom da música revela a intenção comunicativa do sujeito, que nada mais era que cantar a música toda. Apesar da falta de palavras entendíveis para o alocutário e da ausência de uma organização estrutural considerada convencional, conforme transcrição feita no vídeo 2, a criança realizou uma simbolização efetiva ao cantar. A princípio, apenas tentando ler o que *Cicrana* disse, temos dificuldade de entender o que ela está falando, mas ao ouvi-la não tem como deixar de identificar uma canção popular infantil conhecida como “coelhinho da Páscoa”.

Um adendo, selecionou-se para esta pesquisa outro vídeo relacionado à mesma criança. Nele, sua mãe mostra o sujeito autista considerado não verbal falando uma palavra: “descarregou” (DORA, 2022, 00:35), referindo-se ao celular que estava usando. O título informa ainda que a criança faz parte do espectro autista não verbal, mas ao mesmo tempo diz que “*Cicrana* está falando muito” (DORA, 2022). Esses comentários evidenciam, de maneira um tanto contraditória, duas perspectivas associadas ao sujeito autista. A primeira refere-se ao

diagnóstico, sendo comum denominar como não verbais os autistas classificados nos níveis de suporte 2 ou 3, devido às suas dificuldades ampliadas em enunciar de maneira semelhante a um sujeito verbal. A segunda perspectiva está relacionada ao terceiro observador e comentador do sujeito autista. Felizmente, a mãe de Cicrana reconhece que, mesmo com um diagnóstico de autismo de suporte mais elevado, considerado não verbal, sua filha se comunica efetivamente, inclusive pronunciando palavras como “descarregou”. Nesse contexto, os “vazios”, emitidos por sua filha são capazes de comunicar as vontades e desejos da criança.

Dessa forma, observamos o uso da língua pela mãe ao falar sobre a utilização da língua da filha autista. Essa comunicação foi marcada pela tentativa de conferir significado ao som produzido pela criança, atribuindo-lhe sentido. Flores (2015, p. 92) comenta sobre isso, afirmando que “Tal atribuição de sentido é, segundo penso, um *contorno* que o falante faz acerca de algo que não é evidente na língua, a sua materialidade, a respeito do que ele parece não ter a mesma familiaridade que tem quando o que está em causa é o signo em sua função de signo”. Precisamente o que a mãe realizou na enunciação da criança foi um contorno do ato enunciativo da filha, comentando o que considerou ser correto sobre o posicionamento linguístico de *Cicrana*, utilizando sua própria língua para interpretar a língua da filha.

Quadro 3 – Transcrição das falas dos participantes

Vídeo	Descrição da cena que se passa no vídeo	Exposição do comentário	Transcrição da fala	Link do material
03	A irmã da pessoa autista responde a um comentário feito por um seguidor sobre as possibilidades de o autista não verbal falar.	Comentário de um seguidor: Na idade dela, ainda é possível conseguir falar?	Discurso da irmã do sujeito autista: 1. Pra quem tem fé a vida nunca tem fim. Dentro da medicina é improvável que <i>Fulana</i> 2. converse, sabe, mas é provável que ela consiga falar palavras soltas, mas com sentido, que 3. Já é um tipo de comunicação verbal e seria ótimo. 4. Do tipo: <i>Fulana</i> , tá sentindo dor? Aí ela responde: “sim”. Onde? aí ela responde: “barriga”, 5. por exemplo. 6. Dei esse exemplo porque é o mais desesperador para a gente quando ela tá	https://www.instagram.com/p/CzoN_IIOSG0/

			sentindo dor e a 7. gente, não sabe onde, nessas horas, eu queria muito que ela conseguisse falar para que eu 8. conseguisse ajudar ela mais, sabe.	
--	--	--	---	--

Fonte: Dados do estudo transcrito da página do Instagram *autismobr*.

Nesta sequência, o **vídeo 3** explora um ponto crucial merecedor de destaque em sua análise, o posicionamento que o “outro” fornece ao sujeito autista. Vejamos, a pessoa não verbal em questão é adulta e, por essa razão, o fato de ela não verbalizar seus pensamentos e vontades acaba gerando inquietação no alocutário. O comentário do seguidor é “Na idade dela, ainda é possível conseguir falar?”, indagação aceitável para o contexto da enunciação, pois o seguidor acompanha a página do sujeito autista e percebe a limitação linguística desse sujeito. Entretanto, deseja-se direcioná-los para esta reflexão: ao observarmos as interações do sujeito autista com sua família, fica perceptível, apesar de eventuais discursos contrários, que ele se comunica e até mesmo verbaliza, conforme indicado pela própria irmã de *Fulana* na linha 4. Ocorre uma exemplificação de diálogo entre a pessoa verbal e a pessoa não verbal, “*Fulana*, tá sentindo dor? Aí ela responde: “sim”. Onde? Aí ela responde: “barriga” (linha 4). Essas palavras isoladas, por menores que sejam, são dotadas de significado. Do ponto de vista de um linguista, especialmente sob a ótica dos seguidores de Benveniste, a enunciação é eficaz e repleta de subjetividade, sendo então a responsável por permitir a posição do sujeito na e pela linguagem. Consequentemente, não se pode rotular *Fulana* como um sujeito não verbal tendo em vista o que ela efetivamente comunica.

Contudo, é inegável que há limitações em sua expressão verbal, e essa limitação pode demandar um esforço adicional do interlocutor, o sujeito falante, para auxiliá-la na transmissão da mensagem, seja narrando suas ações comunicativas, seja interpretando o “pensamento” da pessoa. Inclusive, a irmã do sujeito autista relata o quanto é “desesperador” para a família saber que *Fulana* está sentindo dor, mas não saber onde (linha 6-7), ou seja, sem esse cuidado auxílio interpretativo da família, o sujeito pode encontrar-se mais limitado ainda em se tratando da sua posição subjetiva na linguagem. O que ocorre aqui é que o sujeito autista considerado não verbal é colocado em uma posição intersubjetiva que só é viável com auxílio do outro.

Dessa forma, a irmã de *Fulana* se apresenta como uma peça fundamental no posicionamento desse sujeito na linguagem. Uma vez que os familiares dos autistas não verbais interagem com uma variedade de “outros” em relação ao sujeito autista, a maioria está na

posição de testemunhar a partir de uma *perspectiva terceira*. Dentro dessa perspectiva, o foco não está no que *Fulana* diz ou deixa de dizer em sua posição de sujeito, mas sim no que dizem sobre ela e de sua condição de sujeito não verbal.

Não se pode deixar de notar a natureza discursiva do comentário feito pelo *terceiro*, pois, por meio desse comentário ou, mais precisamente, do testemunho prestado por alguém sobre algo que conhecem, são necessárias definições e procedimentos que permitam o uso de indicadores do que é simbólico, da subjetividade presente na interação do autista não verbal com uma pessoa verbal. Este processo revela-se como uma complexa construção simbólica que lança luz sobre a compreensão da subjetividade e da interação comunicativa peculiar ao contexto analisado.

Quadro 4 – Transcrição das falas dos participantes

Vídeo	Descrição da cena que se passa no vídeo	Exposição do comentário	Transcrição da fala	Link do material
04	Pessoa autista sentada na mesa de jantar da família com o celular na mão aguardando algo.		Discurso da irmã da pessoa autista: 1. Minha irmã autista não verbal não fala, mas a atitude de sentar na mesa ao ver a comida 2. chegando é a maneira dela de dizer que quer comer, precisamos aprender a interpretar 3. além da voz.	https://www.instagram.com/p/Cz7Dsnjvxe/

Fonte: Dados do estudo transcrito da página do Instagram *autismobr*.

Em continuação da análise iniciada acima, observamos agora o **vídeo 4**, no qual consta a seguinte informação sobre o simbolismo presente na comunicação não verbal do sujeito autista, a questão do “não falar”, mas comunicar através de atitudes. Na linha 1 há o seguinte discurso: “minha irmã autista não verbal *não fala*, mas a *atitude* de sentar na mesa ao ver a comida chegando *é* a maneira dela de *dizer* que quer comer” (grifos meus). Em uma única sentença, podemos compreender a necessidade de abordar com cuidado o universo do outro, inicialmente devido à afirmação da posição linguística do autista, a ausência de fala, e posteriormente ao reconhecer o significado da atitude da irmã autista “[...] é a maneira dela de dizer [...]”, interpretando com convicção a intenção do sujeito autista com essa atitude.

Relacionando o que foi dito anteriormente com a teoria de Flores (2019, p. 186)

encontraremos conceitos que se justificam na representação do dizer do “outro”: “a autorreferencialidade – como categoria de linguagem que é – pode ser considerada uma propriedade de toda e qualquer manifestação linguageira do homem”. Dessa forma, a antropologia da enunciação ajuda-nos a entender o comportamento linguístico do sujeito autista em qualquer manifestação feita pelo sujeito. A irmã da pessoa autista “comenta” o que observa da pessoa não verbal acessando a propriedade da enunciação como a autorreferencialidade enquanto comenta a língua usando a língua. O reconhecimento dessa importante relação entre sujeito não verbal e o sujeito verbal na interlocução é percebida na seguinte afirmação: “[...] precisamos aprender a interpretar além da voz” (linha 2-3), exatamente o que ela faz. Interpreta além daquilo que foi dito. Essa revela a necessidade de situar no contexto comunicacional, na subjetividade presente na enunciação, na interlocução necessária para a efetiva enunciação e demais pontos abordados por linguistas como Benveniste e Flores.

Quadro 5 – Transcrição das falas dos participantes

Vídeo	Descrição da cena que se passa no vídeo	Exposição do comentário	Transcrição da fala	Link do material
05	A irmã do sujeito autista responde a um comentário feito por um seguidor.	Comentário de um seguidor: <i>Fulana</i> não fala, mas julga que é uma beleza. Cada olhada fuzilante (risos) adoro ela (emojis de riso).	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gente, essas caras que a <i>Fulana</i> faz deveriam ser um patrimônio tombado assim uma 2. coisa histórica porque é muito bom. Ela não fala, mas o que ela não fala ela tem de 3. expressão facial, meu Deus, é muito assim, sabe? Dá pra perceber muito quando ela tá... 4. ela tá irritada, quando ela tá com cara de desdém, assim sabe, meu Deus, eu amo, eu amo 5. as expressões faciais dessa menina, AMO! 	https://www.instagram.com/p/CzjCoJ7usc3/

Fonte: Dados do estudo transcrito da página do Instagram *autismobr*.

No vídeo 5 há novamente a questão da significação presente na interação comunicativa. Ao observar o discurso do vídeo em questão, nos é informado que *Fulana* tem várias expressões faciais que comunicam mais do que a própria voz, conforme comentário do seguidor “*Fulana* não fala, mas julga que é uma beleza”. Fica evidente nessa informação que as pessoas em torno

do sujeito autista não verbal, a partir do momento que acompanham a realidade dela, começam a entender e a interpretar a linguagem de *Fulana*.

Conforme percepção trazida no vídeo 5, a comunicação da pessoa autista está pautada em signos linguísticos não verbais. Essa comunicação é registrada e interpretada por um sujeito verbal da seguinte forma: “Ela não fala, mas o que ela não fala ela tem de expressão facial [...]”. Acompanhamos no discurso do “outro” a constante afirmação da ausência de *fala* do sujeito autista e, ao mesmo tempo, a explicação de como esse sujeito se comunica. Essas expressões estão dentro do plano semiótico, nos quais encontramos padrões faciais específicos que são associados pela irmã de *Fulana* ao estado emocional dela “[...] dá pra perceber muito quando ela tá... ela tá irritada, quando ela tá com cara de desdém [...]” (linha 3-4) – logo, entende-se que a voz de *Fulana* não é a principal ferramenta de comunicação que ela usa, mas a “voz” que procura-se nesse sujeito, encontra-se vinculada as suas expressões faciais, ou seja, aos signos linguísticos não verbais. Direcionando-nos para a reflexão de que, se é dessa maneira que ela se expressa, podemos afirmar que ali reside a sua “voz”.

Com base nas informações sobre a interpretação simbólica presente no que diz a irmã de *Fulana*, também é importante ressaltar que o sujeito falante está usando a língua para atribuir um lugar subjetivo ao sujeito autista, no vídeo 5, a afirmação de que “*Fulana* não fala” parece limitá-la em sua posição de *Homo loquens*, de fato, não há enunciações complexas e com o sistema gramatical que estamos acostumados na língua portuguesa, mas isso não a tira da posição de sujeito falante, visto que ela se comunica perfeitamente com seus familiares e consegue exprimir suas vontades com base em signos linguísticos e dentro de um determinado contexto. Eis a necessidade de se pensar na língua em uso, não de forma isolada, mas sim situada dentro de um contexto comunicacional. Ao analisar dessa forma, não se pode continuar afirmando que *Fulana* não fala; o que se pode afirmar é que ela não usa, na maioria das vezes, a voz para se comunicar, mas se ela está se comunicando, ela está usando o sistema linguístico que conhece para falar.

Quadro 6 – Transcrição das falas dos participantes

Vídeo	Descrição da cena que se passa no vídeo	Exposição do comentário	Transcrição da fala	Link do material
06	A irmã da pessoa autista responde um comentário feito pela seguidora sobre a tradução simultânea que ela, a irmã, faz nos	Comentário de um seguidor: A melhor parte é a tradução simultânea do pensamento	Transcrição do discurso da irmã da pessoa autista: 1. Gente, eu vi que cês tão gostando, né?! Ainda bem, porque foi uma maneira que eu	https://www.instagram.com/p/CzysCxwufV S/

	vídeos sobre a pessoa autista.	dela. Hahahahah	<ol style="list-style-type: none"> 2. encontrei assim de dar uma inovada sabe, nos vídeos, porque o fato de <i>Fulana</i> não falar 3. limita de certa forma o conteúdo, apesar dela ser super carismática, expressiva até umas 4. horas, mas aí eu dando uma tradução à expressão dela né, eu também tô achando super 5. legal, foi uma viradinha de chave e eu to gostando bastante de fazer o vídeo nesse estilo 6. também. 	
--	--------------------------------	--------------------	---	--

Fonte: Dados do estudo transcrito da página do Instagram *autismobr*.

O **vídeo 6** traz a descrição do pensamento de *Fulana*. Nesta passagem, observamos a contribuição dos locutores, que reconhecem a necessidade de realizar uma espécie de “tradução” do que denominam como o “pensamento” do sujeito autista não verbal. Essa “tradução” ocorre por meio de uma metalinguagem na qual o “comentário” é uma ferramenta que o falante utiliza intencionalmente em relação à sua posição de falante diante de algum fenômeno linguístico.

Nesse vídeo, o falante faz a seguinte afirmação: “[...] o fato de *Fulana* não falar limita, de certa forma, o conteúdo”. Em contraposição a essa primeira afirmação, surge a observação: “apesar de ela ser super carismática, expressiva até umas horas [...]”. Nesse uso da língua para falar do “outro”, a irmã do sujeito autista não verbal faz o primeiro comentário de sua perspectiva de falante sobre o comportamento de *Fulana*. Em seguida, ela acrescenta a subjetividade presente, fruto da observação e narração do que o sujeito falante considera ser fato.

Os comentários “super carismática” e “expressiva” representam indicadores de subjetividade que emergem do relato feito pelo “outro” sobre o sujeito sendo analisado. Aqui, a língua é empregada não apenas para descrever objetivamente o comportamento de *Fulana*, mas também para transmitir a perspectiva subjetiva da irmã, enfatizando características positivas da personalidade do sujeito autista. Essa análise metalinguística destaca a complexidade da interação linguística, em que o falante não apenas relata fatos, mas também injeta interpretações e subjetividade na própria enunciação e na posição de quem se fala, criando

uma camada adicional de significado na comunicação.

Ainda sobre esse vídeo, a irmã da pessoa autista revela que é capaz de usar a língua para traduzir, de certa forma, o sujeito analisado, visto que este não utiliza a própria voz para se expressar, limitando, por sua vez, a produção de conteúdo interativos na página das duas irmãs. Após afirmação feita de que *Fulana* não fala apesar de ela ser super carismática e expressiva, vem o porém: “mas aí eu dando uma *tradução* à expressão dela [...]”, a irmã do sujeito autista consegue fornecer conteúdos melhores aos seguidores, trazendo à tona o pensamento de *Fulana* para aqueles que a acompanham por meio da *Internet*.

Em um dos vídeos elencados para esta pesquisa, temos uma afirmação parecida, em que a irmã de *Fulana* diz que “ela não fala, mas julga” (AUTISMOBR, 2023) esse comentário se dá devido ao fato do autista usar vários signos linguísticos não verbais para expressar sua insatisfação com determinada situação, como olhar da cabeça aos pés, revirar os olhos e franzir a testa. Nessa situação, o papel de “comentar” e interpretar esses signos trazidos por *Fulana* é fundamental, visto que, segundo Flores (2019, p. 307),

o intérprete é um intermediário que coloca em relação uma expressão primeira com uma expressão segunda (a interpretação), tendo em vista outrem. Trata-se de uma relação que faz aparecer a segunda expressão como um “comentário da primeira”. O comentador, o intérprete, faz nascer algo novo a partir do que já existe.

Em um momento não explicitado no quadro 1, notamos a “tradução” do pensamento de *Fulana* através da irmã na seguinte afirmação que ela faz: “Esse é o *sim* dela” (AUTISMOBR, 2023, 01m:41s), no qual a irmã de *Fulana*, em uma entrevista para o Globo Esporte, fala sobre o espectro autista e a relação com o barulho e as dificuldades que um indivíduo dentro do espectro pode enfrentar ao visitar lugares como estádios. Em consonância com Benveniste, esse enunciado ressalta a interpretação da irmã sobre o comportamento discursivo do sujeito autista não verbal, demonstrando como a linguagem é utilizada para atribuir significado aos signos produzidos pelo sujeito autista. Além disso, esse discurso da irmã de *Fulana* aborda a ideia de Flores sobre a intermediação linguística. Destaca-se que a irmã não cria algo do zero, mas parte do “ato comunicativo do sujeito autista”, incluindo expressões e movimentos que indicam a intenção de transmitir uma mensagem. A interpretação feita pela irmã não apenas reconhece o já existente, mas também acrescenta uma nova camada de significado, uma *visão terceira*. Essa visão pode ser considerada fruto da interpretância que está relacionada à capacidade de atribuir significado aos signos e de criar um sentido que vai além da simples reprodução de informações na medida em que envolve a introdução de uma interpretação pessoal ou subjetiva no discurso.

A análise das expressões faciais e gestos de sujeitos autistas não verbais, à luz das teorias

discutidas, ressalta a metalinguagem envolvida na interpretação desses signos. A interpretação vai além do reconhecimento, criando uma camada de significado que reflete a subjetividade tanto do sujeito autista quanto do *terceiro* que o observa. Portanto, conforme discutido por Benveniste e Flores, a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um meio dinâmico de criar significado, interpretar intenções e estabelecer interconexões entre sujeitos. A visão terceira e a interpretância emergem como elementos fundamentais na compreensão da riqueza e complexidade da linguagem, especialmente quando consideramos o contexto da comunicação com sujeitos autistas não verbais. Por meio da compreensão da habilidade de utilizar a linguagem para moldar a comunicação e a posição do outro, é possível descobrir a “voz” do autista, concentrando menos na ausência de discurso desse grupo e mais no significado transmitido pelos signos que expressam.

5 CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo, foi possível notar a complexidade linguística presente na vida dos sujeitos autistas não verbais. No âmbito da compreensão da enunciação e da intersubjetividade na vida dessas pessoas, foi fundamental adotar uma perspectiva antropológica da linguagem, ancorada nas teorias de Émile Benveniste e nas contribuições de Flores. A abordagem enunciativa tornou-se uma ferramenta valiosa para explorar as experiências singulares desses sujeitos, cuja expressão verbal pode ser limitada.

O objetivo de investigar dados a respeito da temática fez com que ampliássemos nossa compreensão desses indivíduos, trazendo reflexões para os que os cercam, buscando promover uma maior inclusão e respeito por suas experiências únicas em nossa sociedade diversa e em constante evolução, foi alcançada.

Verificou-se que a intersubjetividade entre o sujeito autista não verbal e seus familiares é o que proporciona a dinâmica de interpretação mútua em que a compreensão é construída coletivamente entre eles. A interação simbólica na comunicação entre esses dois grupos destaca a necessidade de uma abordagem inclusiva, que valorize a diversidade de expressões e compreenda que a linguagem vai além das palavras, abrindo espaço para uma troca significativa e enriquecedora. Paraphrasing Benveniste, a língua tem a capacidade de refletir sobre si mesma e de fornecer explicações ou descrições internas usando seus próprios recursos. Essa característica é chamada de “propriedade metalinguística”. Flores ratifica e acrescenta o raciocínio em relação aos estudos de Benveniste sobre a língua e sua capacidade simbólica, afirmando que a linguagem é o único sistema de signos capaz de se autorreferenciar e interpretar outros sistemas de signos.

Afirmou-se que a propriedade metalinguística, ou seja, a capacidade de a linguagem se referir a si mesma, é considerada intrínseca à linguagem, pois ela atua como um interpretante para outros sistemas de signos. Em resumo, a linguagem não apenas comunica significados, mas também tem a capacidade única de refletir sobre seu próprio funcionamento e interpretar outros sistemas de comunicação.

Os dados reforçaram a ideia de que, na comunicação entre pessoas autistas não verbais e pessoas verbais, a dimensão simbólica desempenha um papel crucial na construção de significados compartilhados. Para os indivíduos autistas não verbais, a expressão verbal convencional não é tão presente. A comunicação pode se manifestar por meio de formas simbólicas alternativas, como gestos, expressões faciais e, em alguns casos, sistemas de comunicação assistida, e assim, eles expressam sua subjetividade. A capacidade de decifrar

esses símbolos e compreender a linguagem não verbal é fundamental para estabelecer uma comunicação eficaz. Por conseguinte, viu-se que os falantes desempenham um papel essencial ao reconhecer e interpretar esses símbolos de maneira sensível, por essa razão, atribuiu-se a eles esse papel fundamental de interlocutor/intérprete que usa a língua para “comentar” a língua. Para Flores, essa função o torna uma espécie de comentador do que ouve e mesmo do que diz, ou seja, não se trata apenas de um comentário qualquer, mas de um recurso do qual o falante se apropria para dizer algo que a língua fora da propriedade “meta” não “permite”.

Não se pôde deixar de observar a importância da língua, pois ela é aquilo que interpreta e fornece sentido a outros sistemas de signos. Isso implica que a língua não é apenas um sistema isolado, mas também desempenha um papel crucial na interpretação e na comunicação de significados em relação a outros sistemas. Portanto, os dados reconheceram que a propriedade metalinguística da língua está intimamente ligada à sua função de interpretar e dar significado a diversos contextos e sistemas simbólicos. Assim, observou-se em cada representação linguística exposta nos resultados, a simbolização e a interpretância se fizeram peças fundamentais no entendimento de como a Antropologia da Enunciação possibilita explicar o comportamento do ‘outro’ ao narrar a própria língua ou ao utilizá-la para falar da língua de outro indivíduo.

Deste modo, o objetivo de verificar os índices de subjetividades na comunicação pouco convencional de um sujeito autista com seu interlocutor resultou na possibilidade de afirmar que a interpretação atenta das expressões faciais, gestos e outras modalidades não verbais por parte do interlocutor é uma base sólida para a comunicação de pessoas com TEA. De todo modo, a influência do “outro” evidenciou a sensibilidade demonstrada em relação à diversidade comunicativa do sujeito autista não verbal. Portanto, é necessário que a pessoa que assume a posição de “tu” na interlocução esteja aberta a reconhecer e validar as diversas formas de expressão, adaptando-se às necessidades comunicativas específicas do sujeito autista. Essa sensibilidade promove uma interação mais inclusiva, permitindo que a subjetividade do sujeito autista seja reconhecida e valorizada, na constante permutação entre as pessoas do discurso: *eu-tu/ele*.

A teoria de Flores complementou esse entendimento ao destacar o papel do “outro” na interlocução, o “comentário” foi um recurso significativo para dar lugar à subjetividade do sujeito autista não verbal nos dados desta pesquisa. Ressaltou-se a validação encontrada na literatura sobre a capacidade do autista não verbal se posicionar como sujeito na língua e serem dotados de subjetividade na posição de falante. Nossas intenções conseguiram ir além da subjetividade do próprio indivíduo autista, passando a integrar nessa análise a subjetividade

advinda do interlocutor, ou seja, do comentador do sujeito com TEA. O conceito de “comentário” apresentado nesse estudo, implica uma expressão pessoal, uma manifestação de pensamentos, sentimentos ou percepções, conferindo ao sujeito não verbal a oportunidade de expressar sua individualidade. Foi assim que alcançamos o índice de subjetividade que almejávamos. Ao abraçar o contexto linguístico em que se encontram os autistas não verbais, tornou-se evidente que as dificuldades de comunicação estão interligadas a outros sujeitos. Isso nos proporcionou uma perspectiva maior de nossa própria maneira de interagir com esses indivíduos, refletindo diretamente sobre o que estamos expressando a respeito de pessoas com Transtorno do Espectro Autista e como nossos comentários podem impactar as experiências e singularidades desses sujeitos.

Em síntese, a aplicação das teorias de Benveniste e Flores na compreensão da enunciação e da intersubjetividade na vida de pessoas autistas não verbais destaca a necessidade de uma abordagem sensível e individualizada. Reconhecer a diversidade de modos de expressão e compreensão, valorizando a subjetividade do sujeito autista não verbal, é essencial para promover uma comunicação verdadeiramente inclusiva e enriquecedora. Nesse contexto, a intersubjetividade, que se refere à capacidade de compartilhar significados e experiências com outros, assumiu uma importância crucial. Além do mais, saber que o *terceiro* enquanto narrador do comportamento desses indivíduos possui uma posição de extrema relevância para eles pode mudar a forma que se fala sobre autistas não verbais. A dificuldade em estabelecer conexões sociais convencionais, devido à limitação na expressão verbal, não pode continuar sendo um impeditivo na inclusão desses sujeitos na sociedade. Para tanto, através desse conhecimento, podemos adentrar nas relações intersubjetivas de forma mais consciente, permitindo ao sujeito autista seu posicionamento subjetivo na língua, mesmo que este não verbalize. Os interlocutores, portanto, podem promover ambientes inclusivos e compreensivos para apoiar a enunciação e intersubjetividade de pessoas autistas não verbais. Isso inclui a sensibilização da comunidade e a aceitação de formas não convencionais de comunicação. E mais, requer cuidado com a forma que falamos do sujeito autista, pois há na língua o poder de mudar a percepção do mundo frente a esses indivíduos e não devemos usar essa ferramenta para delimitar um grupo tão complexo e singular. Por fim, esperamos, por meio dessa pesquisa, contribuir para o avanço do conhecimento e para a melhoria das práticas de apoio a sujeitos autistas não verbais na atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Day. A melhor parte é a tradução instantânea. (@dayalbuquerque_). Instagram, 18 de nov. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CzysCwufVS/>. Acesso em 26/12/2023.

ALBUQUERQUE, Day. Diana não fala, mas julga que é uma beleza. (@dayalbuquerque_). Instagram, 12 de nov. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CzjCoJ7usc3/>. Acesso em 26/12/2023.

ALBUQUERQUE, Day. (@dayalbuquerque_) Na idade dela, ainda é possível conseguir falar?. Instagram, 14 de nov. 2023. Disponível em https://www.instagram.com/p/CzoN_IOSG0/. Acesso em 27/12/2023.

AMATO, Cibelle Albuquerque de la Higuera; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. O uso interativo da comunicação em crianças autistas verbais e não verbais. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, v. 22, 2010, p. 373-378.

AUTISMOBR. Atitudes como esta mostram que ela entende tudo. (@autismobr). Instagram, 18 de out. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CyivRDrOrZ0/>. Acesso em 26/12/2023.

AUTISMOBR. De Surubim para o Globo Esporte. (@autismobr). Instagram, 02 de fev. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqQfH22O4xQ/>. Acesso em 27/12/2023.

AUTISMOBR. Espertinha toda. (@autismobr e @dayalbuquerque_) Instagram, 21 de nov. 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cz7Dsnjvxe_/. Acesso em 26/12/2023.

BARROS, Isabela B. do Rêgo. Autismo e linguagem: discussões à luz da teoria da enunciação. *Distúrbios da Comunicação*, v. 23, n. 2, 2011.

BARROS, Isabela B. do Rêgo; JÚNIOR, José Temístocles Ferreira. A criança autista e a enunciação como uma realização vocal da língua. *Eutomia, Recife*, v.1, n.33. 2023. p.115-133. <https://doi.org/10.51359/1982-6850.2023.258451>

BARTHES, R. Por que gosto de Benveniste?. In: *O Rumor da Língua*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1984.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes. 1989.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Nacional/ EDUSP, t. 1, 1976, p 199.

BRASIL. Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde. Transtorno do Espectro Autista – TEA (autismo). Paraná: 2023. Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/transtorno-do-espectro-autista-tea-autismo/#:~:text=Tem%20como%20caracter%C3%ADsticas%20a%20dificuldade.ou%20tr%C3%AAs%20anos%20de%20idade>. Acesso em 11 de janeiro de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf. Acessado em 11 de janeiro de 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>. Acesso em 11 de janeiro de 2024.

DE ANDRADE, Fernanda Wanderley Correia. Brilhando através das nuvens negras: Há subjetividade na linguagem da criança autista?. 2005. Tese - (Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 1-423.

DORA, Elisângela. (@elisangela5576). Fernanda está falando muito. Criança Autista não verbal. Youtube, 30 de out. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eq3CCCPGmaE&lc=UgzepMZyeXNUpmT6IrZ4AaABAg>. Acesso em 27/12/2023.

DORA, Elisangela. Quem sabe o que a Fernanda está cantando?. Quem sabe o que a Fernanda está cantando? Criança Autista não fala, mas canta a música toda. (@elisangela5576). Youtube, 30 de out. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/aHQiXtbYZn0>. Acesso em 26/12/2023.

FADERS, Acessibilidade e Inclusão. Características da população com transtorno do espectro autista no estado do rio grande do sul. Porto Alegre: 2023, 2º edição. Disponível em: <https://faders.rs.gov.br/upload/arquivos/202304/02132322-caracteristicas-da-populacao-com-transtorno-de-espectro-autista-no-rio-grande-do-sul-2023-docx-2.pdf>. Acesso em 11 de janeiro de 2024.

FIORIN, Jose Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. Gragoatá, v. 22, n. 44, 2017. p. 970-985

FLORES, Valdir do Nascimento. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. Letras de Hoje, 2015. p. s90-s95

FLORES, Valdir do Nascimento. Problemas gerais de linguística. Editora Vozes, 2019. p. 400.

JÚNIOR, J. T. F; VICENTE, R. B. A criança autista na linguagem: considerações sobre a enunciação dos índices de pessoa. 2014, p.8. Disponível em: <https://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/671.pdf>. Acessado em 14 de novembro de 2023.

MARCIA, Romero et al. Manual de Linguística: semântica, pragmática e enunciação. Editora Vozes. Petrópolis - RJ. p. 400, 2019.

MOUSINHO, R.; SCHMID, E.; PEREIRA, J.; LYRA, L.; MENDES, L.; NÓBREGA, V. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. *Rev. Psicopedagogia*, 25(78), 2008. p. 297-306.

NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. O falar da linguagem. São Paulo: Lovise, 1996. p. 127-152.